



O

ALABAMA



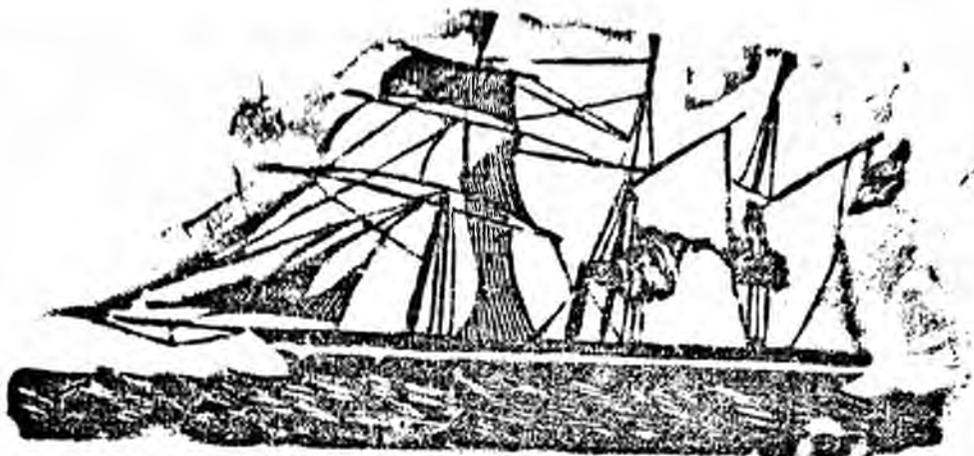
1865

A

1867



H. B.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V.

5 DE JUNHO DE 1867.

SERIE 22.^a—N. 212

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1.^o andar, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 4 de junho de 1867.

Officio ao Ilm. Sr. Dr. chefe de policia, participando que o muro do sobrado á rua dos Capitães, quina d'Ajuda, pertencente á Ordem benedictina, acha-se desaprumado e em estado de desmoronar-se em virtude da quantidade de terra que sobre elle descansa; e sendo de temer-se que com estes dias de chuva venha elle a desabar, pede-se a S. S. que mande vistorial-o e dar providencias, afim de ao depois não ter-se do lamentar desgraças irremediaveis.

—As mulheres vão tomando parte activa nos negocios publicos.

Diz a *Correspondencia de Portugal*, que as duas camaras da legislatura do Kanzas e da de Wiscoussin decidiram dar o direito de suffragio ás mulheres.

—Por cá tambem temos senhoras não só involvidas na politica do paiz, como exercendo a profissão de artistas.

Nas Alagoas, foi recrutado um typographo do *Diario* e isso influencia para que os artistas da typographia da *Voz do Povo* se retirassem della, do sorte

que os trabalhos de impressão d'aquella officina são feitos hoje por duas alagoanas.

A esse respeito diz a *Voz do Povo*:

«Estas duas senhoras, possuidas de nobre entusiasmo, exclamaram nos seguintes termos — «Pois bem, já que esse infame cobardemente persegue aos homens, cumpre ás mulheres patentear ao publico a baixeza de character desso bandalho.»

—Estas são das tacs de tirar cabelo da venta.

—Não é só isto: a typographia é administrada pela esposa do proprietario.

Veja este annuncio.

«A abaixo assignada, convida a todos os assignantes deste jornal, que ainda não pagaram suas assignaturas, a virem ou mandarem quanto antes fazel-o, visto achar-se seu marido, Antonio Grisiano da Rocha Algarrão, proprietario da typographia—*Popular*—o principal redactor da *Voz do Povo*, ausente para escapar de ser assassinado pelo monstro e doudo presidente desta provincia José Martins Pereira de Alencastre. Maceió 23 de maio de 1867.—*Maria Algarrão*.

—Na verdade esta de *cachupeleta*.

—Nesta terra, quando se determina o cumprimento de uma medida de

utilidade não passa isso do palavras.

Ha uma postura da camara municipal ordenando que a cal seja transportada em vasilha coberta, de maneira que não possa ser espalhada pelo vento.

Qual o condutor de cal que leva em conta essa postura?

—A culpa è daquelles, que tem obrigação de fazel-a observar.

—Deitam irrisoriamente um estreito pedacinho de taboa sobre a larga boca da vasilha, onde vae a cal, e com isso tem elles satisfeito a obrigação municipal.

—A culpa tão é delles.

—Tambem não sei si é do fiscal, por que si elle agarrar o burro do Sr. Dr. Fulano de tal, carregador de cal, é quem hade ficar mal.

OS HOMENS DO TIRAPÉ E CEROL.

A sociedade humana compõe-se de muitas e differentes classes; e, pelas necessidades do homem, foram se inventando os officios e maneiras de viver

Quando nasceu ou creou-se o primeiro pai do genero humano, por certo que não andava de sapatos ou botas.

Veio com os pés nus, e com todas as proporções necessarias para andar com elles sobre o chão. Encontrou-se porem a creatura com pedras agudas, com espinhos, com terrenos humidos, e uma immensidade de coisas para lho causar mal e ferir; e como seja essencialmente commodista, lembrou-se de forrar os pés de alguma coisa que o preservasse dos mencionados inconvenientes.

E para logo, da lembrança passou a execução, e eis o de sapatos. Mas, como não seriam esses sapatos?! Talvez de folhas de bananeira os usasse Adão; talvez algum sacco sem forma tivesse este nome entre os primeiros habitantes d'este torrão chamado mundo que é tão bom de se gozar quando se tem dinheiro. Parece que se pode affirmar que os antigos patriarchas nunca usaram de gaspeados, nem os seus generaes, Josué, Holofernes e outros, jamais estiraram as pernas nos comba-

tes com grandes botas, bem lustrosas e acabadas. As madamas d'aquelle tempo, por sem duvida, não apertavam os pés em estreitas botinas para se mostrarem delicadas: quem tinha seus pés de adobes, assim os conservava á vista, o que hoje se não quer, levando-se muitas vezes duas horas para calsar um sapato, o que faz, como tenho visto, que em muitas sociedades muita moça nem se levante do logar, por não poder andar, em razão do sapato apertado e justo.

Querem a Sé dentro da Misericordia.

Seja porem la como for, o certo é que de degrau em degrau, o costume foi-se introduzindo, a moda d'elle se apoderou, a loucura dos homens accitou as leis da moda, e eis um officio sahido como todos os outros da necessidade, e eis uma classe de gente de tira-pé e sovella, cerol e fôrmas.

Quem chegar junto de qualquer sapateiro, não é preciso, si o não conhecer, perguntar-lhe em que se emprega; não: basta tomar-lhe o cheiro, e immediatamente saberá, de modo que se não poderá mais livrar do almiscar da gracha e cerol, que todos os dias trazem nas mãos. Alem de que, olhando-lhes para as calsas, saberá tambem do seu officio.

Não se encontra jamais um sapateiro que não traga a calsa, na parte que cobre a frente das cochas, rota, remendada ou puida. E' n'aquelle lugar onde se assenta a pedra, na qual batem a sola.

O sapateiro se assemelha muito com o menino de peito. Este, as mais das vezes, está om quanto dorme a bolir com os beiços, como si estivesse mamando: aquelle inda mesmo dormindo está a puxar o cordel, como si estivesse ponteando algum solado de sapato ou bota.

Este officio torna os seus executores gibosos, e não sei porque é raro encontrar-se um sapateiro que não tenha beiços grossos e boca rasgada: si me não engano, é isto procedido de estarem elles uma vez por outra lambendo a sola em que trabalham. Tambem encontra-

se a maior parte dos sapateiros, com uma mataria de cabellos, onde sem verame se podem crear cinco ou seis mil cabeças do gado — muquiranna; necessitam de cabello para passar n'ello a ponta da sovella, por isso, o vão creando... creando... até ficar como por ali se vê.

Seja porem confessado: o officio de sapateiro é um dos bons no tempo presente. Fazer umas botinas por cinco mil réis, e umas botas por dez e doze ja é alguma coisa e optima pechinxa. Muitas vezes tenho dito que bem sinto não me terem mandado ensinar a sapateiro.

A vida do sapateiro se acha identificada com um caixão de traquinadas e n'esse caixão, quando estiver elle trabalhando n'uma porta de escada ou de tenda, encontrar-se-ha sempre algum pedaço de bolo, de cocada ou raspadura, que elle em quanto trabalha está mascando, mesmo porque necessita de força para poder e tar assobiando suas arias, contradanças e polkas, no que são insignes os taes sapateiros.

Ninguém inda assim, tracto de ir á funcção, a casamento ou a baile esperando que no dia promettido o sapateiro lhe dê promptos os gaspeados.

Está enganado. No dia pela manhã não virão: manda-se á tenda primeiro e segundo portador, e sempre virá recado de que se está pregando o debrum: caminha-se em pessoa e desesperado a ver, e acham-se os sapatos apenas junctos.

Quem ha abi que ja não tenha soffrido destas?

Safa com a gente do tirapé e cerol!

A PEDIDO.

— Foi um dia, um caixeiro, depois de estar algum tempo empregado, foi pelo patrão expulso, porque...

— Não serve historia de caixeiros: outra cousa,

— Foi um dia, um rapaz, namorou, seduziu e raptou uma moça, depois...

— Também não agrada o assumpto; procure outro.

— Foi um dia, um sujeito, depois de

fazer uma trampolina, fingiu que queria envenenar-se para obter a indulgencia do...

— Veja cousa melhor.

— Foi um dia, um mau, depois de ameaçar a seu tio e bemfeitor com um chicote...

— Negocios do chicote, safá!

— Foi um dia, um ingrato...

— Ora ingratidão... mau principio para uma historia.

— Foi um dia, um fraudulento, depois...

— Com fraudes, não venha cá.

— Foi um dia, um assassino, depois de pagar a um terceiro para dar cabo de...

— Outra cousa.

— Foi um dia, um cão; mas... sempre é historia de cão e não eu que vá metter-me com cães, que agera andam damnados.

— Mas então que é da historia?

— Fica para outra vez, por agora é contentar-se com o esboço.

(*Continúa.*)

Lê-se no *Tribuno*:

.....
Enquanto lá no Sul, exaustos morrem
Nossos pobres irmãos, em dura guerra,
O que fazeis, senhores do governo
Potentados da terra?

Vós, que tendes poder, vós que sois grandes,
Não lhes ouvis o choro, os tristes ais?
Ah! crueis, ah tyrannos, nem ao meus
O soldo lhes pagais....

Mas... não penseis que o povo está dormindo;
Elle vella... elle pensa... e um dia.. e breve,
Haveis de ver no solo brasileiro
Uma praça de Gréve.

Então... tremei covardes, deshumanos,
Erguei à vista, e á Deus pedi perdão,
Que para vós terá soado a hora
Fatal, da expiação.

.....

— Dez horas e meia, e não ha um empregado no sello!

— E agora o que quer o Sr. com isto?

— E' que estou empitado perdendo meus interesses.

— Si não quor esperar, vá e venha logo.

— E diz-se isto n'uma repartição publica!

— Vá deitar no *Alabama*.

— E' o que vou fazer.

— E com isso está despachado!

— Ao menos, o publico sabe como certa gente cumpre com suas obrigações.

— Sr. *Souzinha*, faz favor?

— Sr. *tenente*, é mais bonito.

— Vá lá; e até dou-lhe mais. Sr. *ajudante*, faz favor.

— Não dá nada de mais.

— O motivo porque o Sr. regeitou a proposta daquelle homem que diz *faria* mais barato, apresentando um fiador idoneo, para acceitar a de outro em condições duvidosas?

— Ora essa! acceitei, porque entendi que devia acceitar.

— Ou foi porque elle não escorregou com os *calhidos*, como naquella de 31 do passado?

— Não preciso.

— Si não precisa, para que outro dia regeitou uma proposta, acceitando outra mais onerosa? seria só com o fim de proteger a algum feliz filho de *Adão*?

— Eu tenho o direito de livre escolha e portanto posso preferir a quem quizer.

— Isso é com o que for seu. O trem de *paz* não é dominio seu, para o Sr. presentear a afeiçoados ou transigir quando substituo o chefe.

Entenda.

Pede-se a um certo *educador*, que, por Nossa Senhora da Conceição, deixe de estar se namorando o dia inteiro, visto ser muito feio para um homem casado.

RARIDADES CALÇADENSES.

(*Continuação.*)

Um santo *Antonio* feito de *carvalho*.

A fallaritis do *Pereira*.

As pernas curtas do *Folô*.

A malandrico do *Julio*.

A valentia do *Olympio* boi.

A tagarelice *a/austinada*.

As tratantadas do ex-administrador dos infelizes.

A hypocrisia do *Mendonça*.

A montaria do *Miranda*.

A parvoice do *Gomes*.

Os grilos na casa de prisão sem trabalho.

Os timbales do *Zê Funileiro*.

A innocencia do *Totonho Botejo*.

A brutalidade do *F. Roza*.

VARIÉDADE.

DEUS!

Quando acorda a natureza,
Como é bello ver os ceus!
As aves trinam contentes,
E no trinar dizem: — Deus!

Quando, junto à fontinha,
Ouvimos os murmurios seus,
Esse doce murmurar
Namente traz-nos só — Deus.

Quando o mar enfurecido,
Geme formando escarceus,
O furor desse elemento
Faz que adoremos a — Deus.

Na fragrancia das florinhas,
No primor dos camafeus,
Vê-se a mão do Omnipotente,
Esse Omnipotente é — Deus.

Quando a noite cobre a terra
Com negros e escuros veus,
Seu magestoso silencio
Faz que pensemos em — Deus.

Tudo que ha sobre a terra,
Os astros que adornam os ceus,
Em toda natura vemos
Deus, Deus e sempre — Deus.

Silvio.

AO PE' DA LETRA.

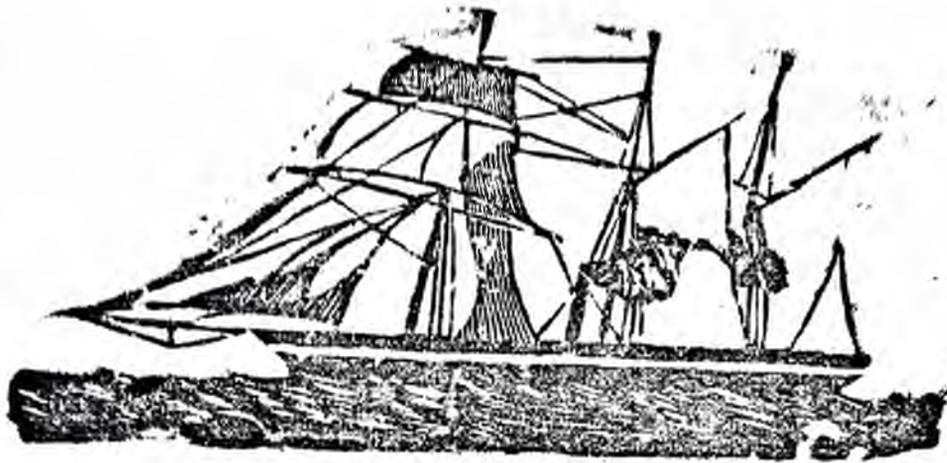
Deu-se ordem n'uma noite de baile ao creado de uma casa, para que não deixasse entrar ninguem sem lhe entregar a bengala.

Apresentou-se um sujeito que não levava bengala, e o criado chegou-se a elle, dizendo:

— Meu charo senhor, peço perdão, mas não posso consentir que saba para as sallas sem deixar aqui a sua bengala.

— Mas si eu não a trago, como quer que lh'a entregue?

— Pois então fará o favor de a hir buscar, respondeu o creado.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V.

8 DE JUNHO DE 1867.

SERIE 22.^a—N. 215

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1.^o andar, onde se recebe assignaturas a 4\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 7 de junho de 1867.

Officio ao Illm. Sr. provedor da Casa da Santa Misericordia, pedindo-lhe que, por commiseração aos infelizes doudos do hospital, mande syndicar si é ver- dade que esses desditosos são brutal- mente espancados por um enfermeiro, que sem piedade os quer sujeitar aos seus caprichos peccaminosos.

--O homem busca os trabalhos por suas mãos.

—As vezes.

—Si aquelle pobre homem não fos- se buscar uma *mundeira* para sua companhia não estava agora na cadeia.

—Quem é elle?

—Um sujeito que vendia passari- nhos na cocheira do Parassú á Estra- da Nova,

—Soi. O que teve?

—Encontrou a *predilecta* hontem á noite fazendo *infidelidade* e vingou- se prespegando-lhe um apimentado molho no logar que despertou cobiça no seu concorrente, acoemanhando a isso algumas cannivetadas,

—Pois por tão pouco? Não valia a pena.

A moda hoje tem admittido que nes-

tes casos faz-se *a vista gorda*.

—Mas o homem que não frequen- tava *salões* não entendia dessas *eti- quetas* e assentou que assim se vin- gava. Confessou a authoridade que estava satisfeito, porque nestes dois mezes o seu rival não se *divertiria* á sua custa.

—Coitado! Estava ballucinado pela raiva.

—Novo systema de enlameiar as ruas!

—Diga.

—Quem está concertando sua proprie- dade, manda deitar a ciscalhada e bar- ro nas buraqueiras sem conta, que ha pelas ruas da cidade; as chuvas redu- zem o negocio a lama, os carros encar- regam-se de enlameiar o facto e salpicar a cara de quem passa, daquella essencia de tijuco.

—Ora historias!

—Historia é que hontem, passando pela rua da Misericordia, fiquei com a mascara toda burrifada.

—Tenha paciencia, que todos sofrem neste mundo.

Correspondencia encyclopedica do «Alabama.»

CORTE 1 DE JUNHO.

Si em todo o mez passado,
Eu lhe não pude escrever;

Foi a doença o motivo,
o por faltar que dizer
Agora porem, melhor,
O que ha lhe von narrar;
Lhe rogando, é a seus leitores
Me hajam de desculpar.

Dito isto, entro *na materia*.

Começando do principio, tem lugar dizer-lhe, que, o cholera, aqui na corte, está *agonisante*, pelo que vae já passando o temor desse incómodo viajante. Não va, porem, suppor que isso é dividido ás providencias do governo. Não Sr., o cholera sahio como entrou, isto é; quando lhe conveio, e agora na infeliz cidade de Campos e na villa de Magé e outros logares esta elle fazendo sua *eurepiação*, e o governo deixando a natureza obrar, visto como não pode distrahir-se da verificação de poderes na camara. Atribua antes, pois, á Providencia o haver se compadecido de nós e afugentado—o terrivel flagello para longe.

Aleemos, pois, para o ceu
As preces da gratidão;
Pedindo que nos proteja
A Virgem da Conceição.

Em relação ao governo, capitão, deu-se aqui o mesmo que se está dando nesses logares que o terrivel flagello açoitá, e que não tem por si nem *um medico!*

Isto não quer dizer que, o governo não seja *forte, activo, energico e decidido*; mas, nas condições de *progressista*, não pode occupar-se com essas *bugigangas*, que nada valem.

De nimis non curat pretor. Tinha que ver—um ministerio como o actual, composto das summidades do paiz, occupar-se de trivialidades. Havia de ser bonito ver, por exemplo, o nosso ministro das industrias pôr de parte os grandes planos que ruma, para se occupar em ver si ha ou não cholera, si morre muita ou pouca gente!

Ora, outro officio.

Capitão, creia, é verdade,
E digo com todo serio
Eu..., nunca vi governo,
Como este ministerio!

Forte, activo, energico e decidido, é um governo *comme il faut!*

Oh! capitão;—grande cousa é uma cousa grande! Oh! sorte do meu paiz! Oh! fortuna do Brazil! Oh! epocha das raridades!

Sempre que vejo os ministros reunidos, digo: *beatus venter qui te portavit et pectora qui te suxisti*.

Abençoadas mães que os pariram, e as mamas, que os alimentaram!

Sabe já que as cortes estão abertas, e que si na camara temporaria ha uma boa patrulha de conservadores e uma guarda liberal disposta á dar batalha ás cohortes governistas, no senado, o governo não vera boia.

No dia da abertura, a casa estava lugubre, quero dizer, apesar de comparecerem todos os sete ministros, que aqui são chamados—os 7 peccados, notava-se certa tristeza, pois, não fallando em muitos deputados progressistas que não foram, o senado apresentou apenas—30—de seus membros; e até deu-se a coincidência de, na occasião em que o prestito imperial chegava, tocar a musica uma peça, que, por sua monotonia, parecia funebre.

Si Deus sempre escrevia parabolás, elle mesmo permitta que isso nada queira dizer.

Cá por mim, repito sempre:

Quem mira bem o caminho
Qu'este Brazil vae levando;
Pensará—qu'elle progride,
Mentira, está liquidando.

Felizmente um episodio que se deu no final da abertura veio tirar os expectadores da porta, em cujo numero me achava, das conjecturas, que cada um estava fazendo sobre o *funebre* da musica, e foi o seguinte:

Pereorre aqui as ruas, entre outras, uma louca, cuja mania é fazer versos e dançar. Concorreu ella á augmentar o numero dos expectadores, e silenciosa, viu entrar os *magnatas*, e até o imperador com todo seu sequito. No fim, porem, quando já muitos dos assistentes, como o imperador, haviam se retirado, sahia o nosso Mané do Souza, ministro das *industrias*. A louca ao vel-o, não sei o que elle pareceu-lhe e o certo foi que começou a dançar, cantando o seguinte estribilho:

« Abi vem João Paulinho,
« Vem tão bonitinho, »

E cantando e dançando o recebeu na porta e o acompanhou até o carro.

Imagine pois a *despedida* que teve o nosso Manésinho, acompanhado pela folgasona louca, e pelo riso da *canalha*, que esqueceu se do poder e importancia de S. Ex., e com gargalhadas approvou a lembrança da infeliz. Manésinho embarcou ligeiro, qual um gamo, no carro e no rodar deste lançou um olhar de indignado á *plebe*, que nisso mesmo achou mais um motivo para rir-se.

Em um dia tão solemne,
Ser um ministro apopado,
Não pode ser um *aciso*
Que do ceu venha mandado?

Emfim, nessas cousas de—arco da velha— não gosto de entrar; sem querer occultar que fui um dos que riram-se talvez mais.

Mas voltando ás noticias.

No dia seguinte, o governo era derrotado no senado, pois oppondo-se á conservação do visconde de Abaeté, passou pelo desgosto de vel-o sahir presidente por 23 votos; perdendo apenas o seu e os dos ministros: da fazenda, do imperio, de estrangeiros e da guerra!

E tudo isso foi nada; á vista da eleição da comissão de resposta á falla do throno, que ficou composta dos senadores:

Conselheiro Barão de S. Lourenço,
« Barão de Muritiba,
« José M. da Silva Paranhos.

Na camara temporaria, porem, foi eleito o Verres de Pernambuco, o primeiro vulto do progresso, o conselheiro Silveira Lobo, distincto liberal de palavra.

Não devo calar tambem o 1.º vice-presidente, que é o capitular de Pernambuco.

O povo aqui ri muito quando elle diz—*camera!*

E' *candidato* ao bispado desta corte!
Como é —progressista— nada admira-se.

Ha quem porem affirme ser graça, mesmo porque o piedoso reverendo tem muito amor aos *filhos* de sua co-

madro para separar-se delles e d'*ella*

Seria uma crueldade,
Até mesmo ingratição,
Privar-os de seus.... sobrinhos
As cordas do coração.

Bem lhe disse eu, que o offerecimento do barão de Banibuby era para *inglez* ver.

Tal qual; até hoje, ainda não constou que um só guarda recebesse os 200\$ rs. tão generosamente offerecidos á cada um dos que embarcassem.

Corre por aqui que é removido no character de commandante superior para a capital o muito alto e nobre Sr. barão do Rio Real, parente do nobre ministro das industrias, ficando encarregado da administração do *feudo* o activo João dos Reis.

Isto serve só para provar que o ministro Mané de Souza não se esquece dos parentes!

Faz muito bem, Mané de Souza
Arranje-se bem no poleiro;
No mais, elles que fallam,
Você não é conselheiro?

Elles já andam fallando
Em—saques—de cinco contos,
Não s'importe, e no progresso
Vá andando, deixe-os tontos.

Eia, avante, Manésinho, hoje em dia todo meio serve, uma vez que do emprego resulte—dinheiro.

Quem não furta e não mente
Não provem de boa gente.

A regra hoje é arranjar a si e aos seus. E para que não creia que é graça—veja o que se segue: *êdo Constitucional*:

«A dedicação da familia do Sr. conselheiro Affonso Celso pela mão patria chega até á abnegação.

«Com o civismo viril dos Gracchos da republica romana, ella arremessa seus anciões, seus filhos, puberes o impuberes á vaga dos empregos *ainda os mais mal retribuidos*.

«Eis os nomes dos heroes da sacra familia, que devem ser gravados no marmore da historia:

«Conselheiro Affonso Celso
d Assis Figueiredo, minis-

tro da marinha	12:000\$
«Commendador Carlos Pinto de Figueiredo, official do gabinete	6:000\$
«Coronel Carlos d'Assis Figueiredo, director das obras publicas	2:500\$
«Dr. Jorge João Doderrast, official da secretaria da Assembléa	2:400\$
«Francisco Barboza, empregado na secretaria de um dos ministerios	2:600\$
«João Affonso de Figueiredo, official maior da thesouraria provincial	2:000\$
«João Antonio Affonso, thesoureiro da caixa lial	2:000\$
«João, filho do coronel José Baptista, amanuense da secretaria da policia	400\$

Somma 29:900\$

«Junte-se a ajuda de custo á dous destes que são deputados 4:800\$ — e o total 34:700\$.»

Eis pois, capitão, o que se chama uma ninhada de filhotes progressistas. E creia que nestas circumstancias estão todos os ministros.

E o povo marcha p'ra guerra.

E o povo é recrutado,

E o povo pague tributos

Para as harpyas do Estado!

Todos são assim. O Zacharias demittiu um fiel de armazem d'alfandega, para metter o irmão José dos Santos Colonia que estava todo . . . estourado. Portanto, não admira que Manésinho vá fazendo como os *collegas*. Elle não é tolo, é geitoso, e tem muito bom nariz; *fareja* longe; ninguem conhece melhor que um ministerio está para cabir do que elle, e é assim e por isso que elle se tem aguentado; muito embora para isso, tenha corrido os *partidos serios* e todas as *especulações* que a politica do ventre tem inventado.

Avante, Mané — posição e *plata* e quando vir que o ministerio está em balanço, com a farda do ministro mesmo passe.

Mané dizem que chorou,
No ventre que o pariu,

Pode ser que seja fabula
Mas elle experto sabia!

Corre por aqui que o Silva o Almeida vae presidir á provincia do Pará; que para a Parahyba vae o F. Sobrinho e para Alagoas Gonçalão. Não admiro, desde que o Bebè Capona poude ser presidente, ninguem mais tem incapacidade para tal logar.

Que tempos e que homens!

O que é certo è que o governo do progresso paga á bocca do cofre, e os *progressistas* vão se arranjando.

Lá vae um novo commandante superior para Itaparica. Veja se não è certo? O Almeidinha andava *pingando*, e agora está se arranjando e aos parentes.

Isto de honra e brio é tudo pêta.

O mundo está de tal forma
Que quanto mais descarado,
Para a gente do—progresso,
Se fica mais recommendado.

Foi inspeccionado e julgado incapaz do serviço Antonio Carvalho dos Santos, filho daquelle pobre cego, que se senta na ladeira da Misericordia.

Esse homem, que á face da lei está isempto do serviço militar, por ser filho unico de viuvo decrepito e cego, que tem mais a seu favor a vantagem de ser excellente filho, tanto que, alem de seu pae, carregava as duas irmans honestas, foi caprichosamente preso e forçado a embarcar como *voluntario*; porem Deus em sua Alta justiça quiz que elle, aqui chegando, fosse julgado incapaz para a guerra e lá vae neste vapor abraçar seu infeliz pae e desconsoladas irmans.

Ca anda *frescando* o Sudrésinho. Aboletado em casa do *industrioso*, tem tudo, até cama, onde commemora a historia de *Mil e uma noites do Pharol!*

Meu amigo, quem foi rei é sempre magestade.

Ruim è o cão á quem dão o osso e não roe.

Do duas uma; ou o cão é tolo, ou o osso não è bom.

Entretanto, o *menino*, como lhechama o *industrioso*, vao passando vida *regalada*, o ompalmado os cobres ao es-

tado, que o contractou para

Ferte desgraça!

Bocage só conheceu 7—mas o progresso nem isto lh'escapa.

Bem dizia o conde de Bazan:

O que faz a minha gloria
E a mulher do vizinho,
E quando bebo seu vinho,
Completo minha victori.;
Atè com risco de vida,
Viva a cousa prohibida.

Mas, o que quer? São condicções do progresso. — Não se comem trutas a barbas enchutas. —

E a proposito do progresso, eu vou dar-lhe uma prova do adiantamento, ou antes carreira que elle leva.

Leia o seguinte, que vem no *Correio Mercantil*, autenticado com a firma de seo autor.

«Aviso — Francisco Gomes de Freitas, commerciante desta praça. — Por este faz sciente aos Illustres Srs., emmittindo aqui sua posição, e, a quem promettenu a receita para com *certeza, infallivelmente* formar a *virgindade artificial* e talvez *superior* à natural, que ha dous dias, está prompta.

«Uza assim, para que não o tachem de falto de palavra, e, a qual nunca faltou, como o podem attestar as principaes casas desta Praça.

Disse.

Março de 1867. Rua da Carioca n.º. 118. — *Francisco Gomes de Freitas.*

Este individuo, é auctor tambem d'aquella *seringa*, por meio da qual se pode fazer conceber 10, 20, 30 ou 50 vacas, bem como foi o descobridor das *bisnagas!*

E' portuguez: a declaração tende à garantir a patria, a gloria de ter um tal filho!

Ninguem se va descuidar,
Ande com muita attenção,
Que o—progresso como vae
Dá cabo desta Nação.

Recomendo-lhe a Falla do throno. Diz ella que breve ha de cahir maná do ceu, e para isso crer-se basta ver-se o *socego* com que se fez a eleição em todo imperio.

C'est trop fort.

Oh! grande coisa é um governo forte, activo, decidido, energico e vigoroso, Grande cousa é a coragem ou o cynismo!

E' aqui que cabe o adagio:

«Quem não tem vergonha, todo mundo mundo é seu »

E assim se passa a vida
De miseria e illusão,
E diz-se que somos livres
Vivendo na escravidão?

O mestre Zacarias, no seu relatório, pretende tachar todas as profissões, inclusive as *costureiras.*

Capitão attenda-me

Si do Prata ao Amazonas
Si fizesse uma fogueira,
So assim se acabaria
No Brasil a ladroeira.

Incluo aqui a seguinte noticia curiosa, que tem por titulo:

«JORNALISTAS DE SAIA

Vai publicar-se em Nova York um periodico, cujos redactores, typographos e mais empregados, pertencem todos ao bello sexo.

Para irem a aquellas cerimoniaes em que seja necessaria a sua arte, pediram-se para Londres—duas tachigraphas. A redacção compõe-se das Srs. *Ann. S. Stephens, Cathoun, Croly, Parton e Terhune.*

A conhecida actriz *Miss Olive Logon* terá a seu cargo a critica theatrae e *Miss Ann Dickinson* será a correspondente do jornal no estrangeiro.

Vou concluir com um facto que tem toda analogia com muitos que ahi tem se dado, isto é, que prova o estado de atraso do nosso jury ou antes até onde pode chegar o espirito de protecção.

Ha de estar lembrado dos processos do Seixas pelo que empalmou de Raidei & C., do celebre Victor Freitas, sobre os 18:000\$ que com um bilhete falso enganou o Calombreiro. Pois bem aqui acaba de ser julgado um individuo, quo em dous annos que esteve no Banco Rural como escripturario, falsificou 48 echeqs. principiando por um de 50\$ e indo ate a 12:600\$, e fazendo um total de 150:000\$000.

Este individuo falsificou a firma do proprio secretario do banco.

Pois bem; descoberta a ladroeira, confessou o crime e perante o chefe de policia e os empregados do banco passou em revista todos os *echeques* e separou os falsificados — 48 — incluindo 2 ou 3 contra o mesmo secretario, que lhe poz o visto.

Mostrou mais a escripturação que tinha falsa nos livros para o jogo do arranjo; para cujo fim havia arrancado as folhas dos livros.

Feito o processo veio a saber-se que esse roubo não serviu para matar a fome a mulher, apesar de suportal-a *diariamente*, mas para distribuir com a *Risette*, a *Louvatour* e a *Xiquinha Polka*; tres camelias, em companhia das quaes Ferreira Gomes (é o tal) tomava banhos de champagne nos hoteis e por cima das quaes atirava brilhantes. Deve notar que a quantia roubada reuniu o dote da mulher e a herança materna.

Pois bem, Ferreira Gomes, que ao crime da falsidade ajuntou o de estelionato, por meio de artificio fraudulento; que foi levado por um motivo reprovado; que abusou da confiança, que em fim confessou-se reu, entrou no ultimo julgamento e foi condemnado a 8 *mezes de prisão e multa de 5 por cento!!!*

Entretanto no dia anterior, Julio de tal, que furtou, no Alcazar, DEZ mil reis, o mesmo jury o condemnou a *dous annos de prisão com trabalho e multa de doze e meio por cento.*

Não me dirá si isto é progresso ou é desgraça?

No proximo paquete inglez ahi passa a *Louvatour*, que o anno passado, era, em Paris, *grisete*, e que agora volta senhora de uma fortuna superior a *cem contos de reis!*

Oh que felizes mulheres!

Que desgraçados brasileiros?

Voltando, porem ao julgamento do jury resulta que:

Quem furta pouco é ladrão,
Mas, furtar muito — é barão.

Ca está o afamado Xico Carteira!
Capitão vou concluir, dizendo-lhe

que são pequenas as alterações que ha a notar no acampamento das Nymphas todavia maiores do que os feitos do nosso exercito do Paraguay.

E la se vai o mez de maio e o Caxias não veio para o Senado,

Quem mira bem o caminho
Q' a este Brasil vai levando;
Suppõe que elle progri te
Mentira esta liquidando!

Seu como sempre.

O Patusco.

— Sabe quem é nesta cidade o correspondente do *Mercantil* da corte?

— Não. Porque?

— O moço, sem a menor cerimonia encaixou uma correspondencia do *Alabama* como sua e mandou publical-a.

— E' preciso advertil-o, que seja mais escrupuloso. O seu á seu dono.

O QUE É O PREMIO.

Premio! palavra encapotada, cuja significação umas vezes se apresenta risonha como um palhaço, outras carreada como um algoz.

O premio tem quatro faces; tres suavemente assucaradas e uma terrivelmente amargosa.

O premio é assucarado:

Quando significa a recompensa de um acto meritorio;

Quando resulta do jogo das loterias; ou quando provém do juro de capitaes.

Em qualquer destas condições, quando o premio transpõe os umbraes da morada do feliz mortal que o alcançou — ha luminarias no seu rosto.

Ao amante das honras, das glorias, dos titulos, das commendas, o premio que desce do throno e se lhe colloca no peito é o melhor do todos os premios e o que mais lhe agrada, porque ornalhe a casaca e infileira-o na lista dos nobilitados.

Ao jogador das loterias — os premios que se extrahem em S. Domingos são os que derramam verdadeira felicidade na sua existencia, e aquelles porquo aspira quotidianamente.

Ao individuo — vinagre, usurario ou

simplesmente agiota, o premio sobre todos os premios é o que lhe provém dos dinheiros, que da a remedios, pobres e miseraveis sobre firmas, penhores e hypothecas.

Para esses o premio é uma cousa calculada, certa, infallivel. E' uma cousa que é, sem contestação. Este premio não soffre duvidas.

Uma vez dito — hei de receber o premio disto ou d'aquillo, tanto ou quanto — está tudo dito e realisado.

Para o agiota o premio é sempre uma realidade.

São estes mais ou menos os predica-dos do adocicado do premio.

Vejamos agora rapidamente o amargo da palavra.

Premio, em casa de negociante compromettido, tem a perspectiva do declive por onde hade precipitar-se no abysmo da quebra.

Premio, em casa de empregado publico, é um adeus antecipado ao viver modesto e a entrada proxima em uma vida atormentada.

Premio, republica de estudante, é a despedida formal ás mesadas futuras.

Quando o premio entra pela porta de alguma habitação, sahe a felicidade pela janella.

O opio produz o somno, o premio tira-o.

Assim como o cupim derroca os edificios, o premio arruina as fortunas.

O premio é o ladrão das sociedades modernas.

E' um algoz aristocratico.

O que o premio ergue, o premio derriba.

O que levanta edificio, tirando dinheiro a premio, vê no premio ir-se-lhe o mesmo.

O premio, é o mais atroz flagello da actualidade. A guerra, esse medonho bicho de que toda a gente foge, é um anjo a par de premio.

A guerra atéa o patriotismo, faz bravos, torna a nação conhecida e traz-lhe respeito, o premio empenha o paiz e produz miseraveis.

Premio! premio!

Monstro devastador da sociedade, por

ontra a qual passas querido e estimado como si fôras um anjo tutelar; permittam os céus que um dia o povo acorde de olhos abertos e saiba perder-te para sempre como tu o has perdido, e que um brado se levante, gritando:

Morte ao premio, patife sobre todos os patifes!!

A PEDIDO.

— Capitão.

— Que novidades ha?

— O cortador do talho á Baixa dos Sapateiros acudiu ao ferrão, e quer que declare quem foi a senhora a quem elle offendeu.

— E estava no seu direito.

— Elle que va plantar batatas; pois quer negar um facto passado na presença de tanta gente? E a razão de se ignorar o nome da senhora será bastante para desmentir o que se passou?

Si elle quer a prova da acção negra que praticou, use dos meios que a lei indica, que eu o convencerei de que foi não só incivil como insolente e grosseiro para com uma fraca mulher.

Tenho dito.

— Pode aviar-se. Estou siciente.

Pede-se á um coronel de honras, o capitão de patente, que pelo milagroso *Santo Antonio*, cujo dia está proximo, ou por *S. Caetano* da Divina Providencia, vá pagar, antes que embarque para o Paraguay, a um dos seus muitos credores, morador á rua de *Santo Antonio dos Mouros*, o dinheirc que tomou emprestado para remediar suas necessidades antes de seu primeiro embarque em janeiro de 1865, sinão quer ver seu nome neste periodico acompanhado de algumas gentilezas.

Espera-se que o Sr. condecorado não quererá ver seu nome exposto ás commentações, por uma quantia que comeu e pode suavemente pagar.

VARIEDADES.

MARTYRES DO MUNDO.

O soberano é martyr de importunações,
O pretendente, de esperanças

O rico, de cuidados,
 O pobre, de necessidades,
 O poderoso, de ambição,
 O sabio, de invejas,
 O nescio, de presumpção,
 O virtuoso de escrupulos,
 O peccador, de culpas,
 O cobarde de temores,
 O intromettido, de despresos
 O valido, de receios.
 O casado, de obrigações,
 O solteiro, de desconmodos,
 O bemfeitor, de ingratidões,
 O amante, de ciumes,
 O parochó, da impertinencia dos fregueses,
 e da falta de prestações.

LADAINHA

DAS VIUVAS QUE MORREM POR CASAR.

S. Boaventura;
 Outorga-me a ventura;
 S. Balthazar.
 De ainda me casar,
 S. Henrique,
 Viuva não, não fique;
 Santa Margarida,
 Toda minha vida;
 Santa Felicidade,
 Morro de Saudade,
 S. Mathias.
 Todos os meus dias.
 Santo Antonio,
 Pelo matrimonio
 Santo Antero.
 Ai, que desespero
 S. Gaspar,
 Si mais não me casar;
 S. Bento,
 Da-me algum alento;
 Santa Ignez,
 Em tanta Viuvez;
 Sant Theodora,
 Pois não tenho agora;
 Santo Irineu
 Quem cuide do que è meu;
 S. Guido,
 Da-me um bom marido;
 S. Romeiro,
 Tal qual foi o primeiro;
 S. Vicente,
 Duro e dilligente:
 S. Frederico,
 Porém que seja rico;
 S. Braz,
 E em tudo bom rapaz;
 Santo Amando,
 Viuva me deitando:
 Santa Anada,

Acorde eu casada;
 S. Crispim,
 Amem, ou seja assim!

CHARADA.

La na França me acharás
 No mais distincto lugar. — 1
 Se não limpares a casa,
 No chão me verás rolar. — 2

Todo o sapato me tem
 Seja grossa, ou seja fina. — 2
 Sou cêgo sem olhos ter;
 «Comigo logo se atina.» — 1

Sou tecido muito fino
 De muito grandio valor — 1
 Sou resina do pinheiro,
 Grudo tudo o quer que for. — 1

CONCEITO.

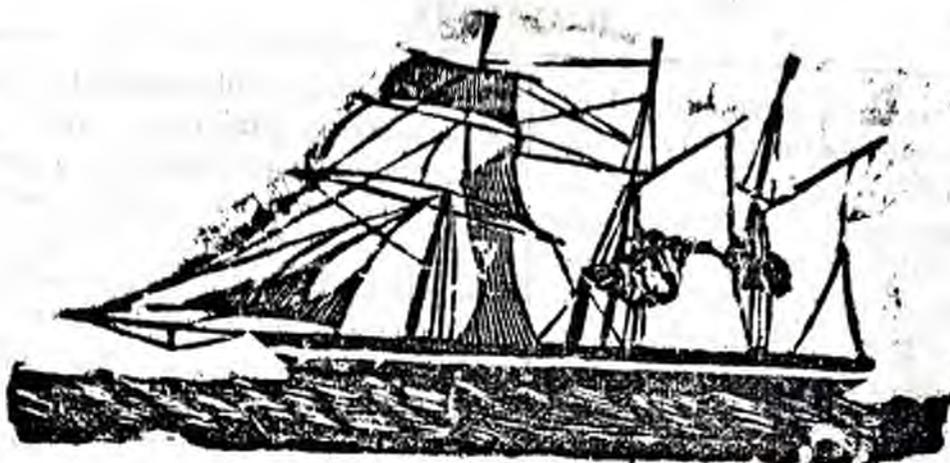
Eu governo uma republica
 Muito fraca e pequenina,
 Com leis ferrenhas, despóticas,
 Sem ordem, sem disciplina;
 Na falsidade sou — Judas,
 Na tyrania — um Sultão —,
 Sou um infame corsario;
 Sou sem igual na traição.

ANNUNCIOS

FUGIU desde o dia 16 de maio p. passado um preto africo, de nome Luiz, estatura regular, robusto, bem preto, sem signal algum de sua nação; representa ter 25 a 30 annos de idade; levou vestido camisa de riscado roxo e calça de algodão grosso: foi escravo do Sr. João Gonsalves Baeta, morador a Solidade, tendo o comprado em 1859 ao coronel Ignacio Borges de Barros, na cidade de Santo Amaro: quem o agarrar e leval-o ao armazem Aspirante às Portas da Ribeira, será gratificado com 20\$000: elle tem sido visto em diversos logares desta cidade.

Vende-se uma casa a rua das Veronicas n. 14: quem a pretender dirija-se defronte da mesma, das 10 horas da manhã às 3 da tarde.

Na venda n.º 1, ao Xixi, ha um completo sortimento de tabocas, que se vendem mais barato que em outra qualquer parte.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V.

11 DE JUNHO DE 1867.

SERIE 22.^a—Ns. 214 e 215

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapitina, á rua do Collegio n. 14 1.^o andar, onde se recebe assignaturas a 4\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 10 de junho de 1867.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Sé. communicando lhe que um individuo, morador á ladeira de S. Francisco, contra quem essa subdelegacia tem já recebido diversas queixas, continúa no perigoso divertimento de caçar gatos, atirando com uma espingarda grossas cargas de chumbo do seu quintal para os da vizinhança.

Pede-se a S. S. uma providencia, que faça com que semelhante individuo restrinja o seu estravagante appetite de comer gatos e deixe-se por uma vez de tal systema de caçar dentro da cidade.

—Ao Illm.^o Sr. commandante do corpo de policia, para que informe si é exacto que nesse corpo ha um guarda de nome Cyrilo Tolentino da Costa, morador ao becco do Chinello, freguezia de Santo Antonio, o qual so vae ao quartel nos dias de receber soldo, como dizem por ahi. Espera-se que S. S. responda com urgencia.

—Os quatro batalhões aquartellados, fundidos, não dão um.

—O 6.^o, por exemplo, tem 52 praças.
—E accumula um estado maior desnecessario, que absorve una exorbitante quantia.

—Parece até burlesco uma patente superior commandando um ninhada de soldados.

—Si eu fosse commandante, me esquivava.

—E a disciplina?

—Ah! a disciplina é o suor do povo, que em jorros corre para o mar das dissipações.

—Ora que todos os dias havemos de ser victimas de quanto estrangeiro esperto ha!

—E depois, elles sabem rir de nós e nos chamando macacos.

—Ja aqui, ha tempos, um espertalhão campou de bispo grego, leve reverencias, arranjou bastantes cobres e mandou-se empurrar, fazendo-nos caretas e nos chamando bobos.

Agora um outro *bichinho de coco*, sabido como *rato*, mette-se no convento de S. Francisco a dizer missas, quando esse espertalhão entende tanto de missas, como eu.

—Ja está suspenso.

—Depois que ludibriou e mofou bastante da nossa boa fé.

—Quem não está sujeito a enganar?

—Si houvesse mais escrupulo, talvez so prevenisse esse escandalo á religião; porem, como elle é estrangeiro, basta.

Lembra-me ainda de um dia em que mandei celebrar uma missa o reclamando que não queria tal padre, o guardião retorquiu-me zangado—*elle é tão padre como eu.*

Agora queria que S. P. me dissesse si é tão padre como o charlatão Pedro Alegre.

—Em fim, como está remediado o mal, deixe passar.

—E' verdade o brasileiro segura a casa depois de roubado.

—A Calçada do Bomfim está entregue aos ladrões.

Alem dos roubos de gallinhas, cavallos, portas arrombadas, que apparecem todos os dias pela redondeza dos Mares, Jequitaiá e Uruguay, na noite de 26 do passado foi atacado um moço na Mangueira, tomaram-lhe o relógio, saíram-lhe os cobres, que trazia, e chamaram-se *veados*.

—Isso ha de acontecer por força: um logar daquelles, sem uma patrulha.

—Si não ha soldados! O subdelegado apenas dispõe de um ordenança.

—Façam rondas de vapor.

—Para quando se avisar ao Sr. e outros, se recusarem, e recabir o serviço somente sobre os pobres artistas cansados do trabalho diurno.

—Neste caso favas' os ladrões que continuem a roubar.

—Vejam como se rouba do povo:

No sabbado 1º de junho tomou conta da fiscalisação da freguesia da Sé o Sr. Antonio Luiz de Mello, fiscal da camara municipal, e passou uma revista geral em todos os talhos de S. Bento: chegando no talho nº 4, encontrou uma grossa chapa de chumbo pesando meia libra, a qual o cortador deitava do lado da concha em que fazia as pezadas!

—E que fez elle?

—Multou, porem o infractor ainda não pagou a multa; a chapa foi levada ao subdelegado.

—Que disse o subdelegado?

—O subdelegado mandou clamar o espertalhão, o qual, com o maior cynismo, confessou que fazia isso, a que chamou *brinquedo*, de combinação com o fiscal que estava e que, si o apanharam em delicto, foi por que elle não lhe participou que mudava de freguezia.

—Bom brinquedo! Uma ladroeira feita ao povo!

—O que pretende fazer o subdelegado a este larapio, si não pagar a multa?

—Dizem que elle o quer processar.

—Acho que obra com justiça, si assim o fizer, que é para exemplo dos outros.

Carta do Capitão do «Alabama» a seu correspondente na corte, o Patusco

Nesta minha, que lhe envio,
Vou ver si posso com geito
Lhe dar a paga completa
De tantas que me tem feito.

E por isso não se espante
Por ella estirada ser;
Quando cançar, tome folego
E continue logo a ler.

Sei que a missiva comprida
Sem o sal, perde o valor,
E que uma curta que agrada
Lhe dará melhor sabor.

Mas, de tantas novidades
Tenho a cacholla empachada;
Que esta deixar não podó
De ser assim espichada.

E, si V. já mudou,
(Peço que dizer mande)
Seu costume de menino
De gostar de tudo grande.

Porem vamos ao que serve
Sem mais preambulos vãos;
Pois V. está inquieto
Com esta minha entre as mãos.

O sacco de novidades
Esta cheio a entornar
Portanto, abro lhe a bocca
E principio a vasar.

João Pancada continua
A commetter desatinos,
Confundo passa com burro
E bringellas com pepinos.

Saiba que dous presidentes
Temos por nosso fadario,
Sendo o Moura o effectivo,
E o Leitão honorario.

O Moura tem dado provas
De ser justiceiro e recto,
Nas obras de sua casa
E' o melhor architecto.

Já sabe que está fechado
Da provincia o parlamento;
Foi culpada a opposição,
Essa cabeça de vento.

Bem que o homem aturasse a
Mostrando-se em nada crespo,
Um dia, enfim, enfesou-se,
E mandou-a tomar fresco.

Que fosse ás galerias
Este povo impertinente
Apupar a seus amigos,
Tolerou o presidente.

Queriam que os deputados,
Por uma embirante ideia,
Deixassem seus affazeres
E fossem para assembleia.

Era mui justa a razão
Que os *illustres* allegavam;
Diziam que por doentes
As sessões sempre faltavam.

Muitos iam em pessoa
Levar, olhe que não minto,
Suas partes de doentes
Da assembleia no recinto.

Soffriam de *progressites*;
Mas do povo a *brutal* maça
Vendo-os passar pela Praça
Diziam: isto é chafaça.

A Mesa da assembleia
Sahiu-se com uma asneira;
Não quiz pagar aos remissos,
Dizendo que era melgueira.

Mas o nobre presidente
Que reza n'outra cartilha,
Mandou que por sua conta
Fosse paga a camarilha.

Nisso mostrou que não paga
Fineza co'ingratidão;
Foram *doceis* em servil-o,
Deu-lhes a remuneração.

Houve então um rugo-rugo,
Trocadilho de bravatas,

Té que o homem *encasinou-se*
Mandou-a plantar batatas.

— No matto, cá se recruta
Homens casados com filhos,
Cegos, tortos, aleijados,
Ficam só os maltrapilhos.

Porem esses que se safam
E' porque bateram *chapa*;
E por isso são cobertos
Do *progresso* com a capa.

Em Maragogipe o *pega*
Em tão grande escala é,
Que prend'um negociante
De assucar, fumo e café.

Verdade é que foi solto
Logo que aqui chegou;
Dando-se por bem satisfeito
Do susto que lá raspou.

Lá na Feira de Sant'Anna,
Diz o *Progresso*, gazeta,
Prende o subdelegado
P'ra fazer sua gorgeta.

— Uma especie de *arapuca*,
Acanhada como um ovo,
Stão armando no Terreiro
Para engambelar o povo.

Esta gente do progresso
Não vê logo a differença,
Que o cavallo não tem chifre,
E que no povo ha descrença?

— Pelo geito que estou vendo,
O entusiasmo bahiano
Dá mostras de arrefecido
P'ra o Dous de Julho este anno!

Apezar de que a policia
Trabalha com unha e dento
P'ra fazer acreditar
Que o povo vive contente.

Baixou uma portaria
Com carimbo official,
Onde manda que se dê
Dinheiro p'ra o *essencial*.

Quem pensara! Para o dia
Do povo se festejar
Ser preciso a *authoridade*
Em seu nome pedinchar!

— Publicou-se uma gazeta
Que so intitula *Debate*,

Seus redactores commungam
A doutrina do *Toma-te*.

Na meza da redacção
Trincha o Cyrillo seu prato;
O mesmo que ao L. Antonio
Se confessava tão grato.

Grande poder a barriga
Tem no homem, meu Patusco,
Fal-o esquecer beneficios. . .
Põe-lhe o entendimento fusco.

— V. sabe que o governo,
Para a guerra concluir,
Pelas provincias mandou
Oito mil guardas pedir.

E de cada capital,
O tal pedido dizia,
O commandante em chefe
A força acompanharia.

Ha muito que a Bahia
Seu contingente mandou,
Mas, o commandante em chefe,
Frescando por cá ficou.

— Si até agora entre nós
Havia um *Salsa-parrilha*
Agora um *Xarope d'Ayer*
Ha, que a todos maravilha.

Mas eu não lhe digo o nome
Da pessoa a quem alludo;
Saiba só que actualmente
Lembram-se delle p'ra tudo.

Ha pouco o Leão Velloso
Tal teta lhe mandou dar,
Que si elle mamal-a toda
Ha de por força arrolar.

Agora mais dous presentes
Está quasi elle embeçando;
A empresa do theatro,
D'um batalhão o commando.

Uns fazem mil sacrificios
Para um emprego alcançar;
Outros, na cama, ás duzias
Tem quem lhes vá encaixar.

— Não sei si o Evaristo
Veria da polv'ra o cheiro;
Mas sei que aos campos do sul
Foi, e voltou brigadeiro.

Creio eu que para as balas
Tamanha aversão tomou,

Que vindo para tratar-se
P'ra guerra não mais voltou.

Apenas de uma licença
O prazo vao se extinguindo,
Elle manda para a côrte,
Uma outra mais exigindo.

De quem tanto já serviu
Ao justo pedido accede
O governo, e para logo
Mais quatro mezes concede.

Em outra que lhe escrever
Procure que encontrará,
Uma historia que passou-se
Lá no Baixo Paraná.

(*Continua.*)

A PEDIDO.

— Esganiçado, vem cá.

— Tenha paciencia, deixe-me dar
um recado ao *Manuel*, que o *Elezeario*
mandou.

— Passa para aqui, bugre!

— Que fiz eu para ser tão rigorosa-
mente tratado?

— Para que andas a enxovalhar a
vida alheia e a deprimir de familias
honestissimas?

— Eu?

— Tu messmo, safado

— Pois eu, com um rabo de palha ta-
manho, ia accender fogueira, nem tra-
tar de familias honestas, quando a mi-
nha tem tanto que se diga? Não sou
capaz. Nem que eu não tivesse irmans.

— E's capaz de mais

O Nonô ha de ajustar contas com ti-
go, sobre aquelle facto que se deu em
Itaparica, e que tanto deu alli o que
fallar, a ponto de quem te deu o ser
aconselhar aquella pessoa que se ati-
rasse no tanque ou bebesse vidro ra-
lado, afim de suffocar o fructo do cri-
me e apagar uma infamia.

— Estou aniquillado. . . .

— Não fiques cabisbaixo, fingin-
do compunção, que eu sei que isso não
passa de refinada hypocrisia.

Vao e si continuares com tua viperi-
na lingua a macular a honestidade, t'a
mandarei arrancar pelo pé.

Discurso

Do novo inspector parochial da cidade — Mar-e-gagipe —

Senhora professora, na qualidade de inspector parochial, ultimamente honrado pelo governo, venho visitar a sua escola; e desejando conhecer o aproveitamento de suas discipulas, requeiro que ellas aqui venham para examinar.

Tenho tambem de fazer algumas considerações moraes sobre o regulamento organico, como por exemplo, sobre o artigo que prohibe o uso da palmatoria; porque, entendendo que sem ella ninguem pode apprender, e por isso convencido desta verdade, digo que a intelligencia do Dr. director fraqueou aqui. Tenho dito.

O Pharmaceutico do Bury.

VARIEDADES.

AO SOLDADO.

Alerta, soldado! Alerta!
Corre a patria a defender;
Do sangue faze-lhe offerta,
Que ella è tua amiga certa,
Dá-te feijões a comer.

Põe a mochila de lona,
O teu bernal, e cantil,
As correas, e a patrona;
Conto a gente valentona
Empunha o duro fuzil.

E esta nação defendendo,
Augmenta os louros, que tens,
Duras filas vae rompendo,
Mostra-te heroe combatendo,
Morre por quatro vintens!

Salta á brecha, sem receio,
Faze acções d'alto valor,
E, de mil balas no meio,
Nunca tremas—porque é feio,
Nem mudes do rosto a côr.

Folga ao zunir da metralha,
Folga ao troar do caubão,
Pois talvez que esta batalha
Te renda alguma medalha
Com fitinhas d'algodão.

Não temas perder um braço
Pela patria, tua mãe;
Sempre firme avança o passo,
Nada te cause embaraço
Porque a patria paga bem.

Ditás que tens a barriga
Muito leve p'ra tal fim;
Não te dê isso fadiga,
Que p'ra ser leve na briga
E' preciso andar assim.

E não perguntes, soldado,
O que defender tu vaes
Com teu valor extremado;
Diz-se o paiz ultrajado,
E não queiras saber mais.

Leva e dà, e matta e morro
A' voz do teu coronel;
O soldado não discorre,
E' boneco, que anda e corre,
Manobrando por cordel.

Avante! que si a victoria,
Por acaso se alcançar,
Serás coberto de gloria,
E viverás na memoria
De quem de ti se lembrar.

Si na lucta perceres,
Por nunca às balas fugir,
E's heroe!... e que mais queres
Si tens filhos, si os tiveres,
Tua morte hão de sentir?

Avante, pois, ó guerreiro,
Carreira a mais nobre tens:
Matas, morres prasenteiro,
Carregas, andas ligeiro ..
Tudo por quatro vintens!

(Do Lince.)

— Conhece o réu e o autor? perguntou em certa cidade o juiz a um marinheiro, que devia prestar o seu depoimento em um processo importante.

— O autor! eu sei lá quem demonio vem a ser o autor! respondeu o marinheiro.

— Pois deve envergonhar-se da sua ignorancia. Uma testemunha, que vem depor, e que não sabe quem é o autor! Vamos a saber; em que logar se achava Pedro na occasião em que foi ferido pelo Martins?

— Estava atraz da bitacula do navio.

— Atraz da bitacula! queira explicar-se melhor.

— Então o senhor não sabe o que é a bitacula?! Com um milhão de demónios! (e accrescentou em meia voz:) que diabo de burro é este que vem julgar a gente, e que nem ao menos sabe o que é a bitacula!

Um padre encontra um sujeito seu conhecido que nunca ia a missa, e diz-lhe:

— Aposto que você nem ao menos sabe quem o criou.

O homem abaixa a cabeça e não responde. Passa então um rapasito.

—O' lá, amigo quem foi que te creou? pergunta o padre ao rapaz.

—Foi Deus, meu senhor.

—Vê, só alma perdida? esta criança sabe mais do que você: não se envergonha?

—Ora essa! é grande admiração que elle, saiba mais do que eu? Elle nasceu hontem, por assim dizer, e eu já tenho mais de 50 annos.

Passava por certa rua um homem que era uma catarata de ineptias. Uns pequenos que estavam a uma janella começaram a gritar:

—Alli vae aquelle que não abre a bocca que não diga tolices.

—Breg'iros! berra elle muito zangado; se vos agarrasse aqui agora, havia de arreben-tar-vos com um pontapé da janella abaixo.

—Por que é, pergunta um sngéito, que uma mulher casada não é uma mulher?

O interrogado abaixa um pouco a cabeça, coça o nariz com o indicador da mão direita, e responde de repente:

—Está claro que é por ser a metade de seu marido.

PALAVRAS HONRADAS DE UM PRESO.

Estando preso no Limociro de Lisboa certo homem, por uma morte que fizera, deixando-o o carcereiro ir algumas noites a sua casa sob sua palavra, voltando uma madrugada para a prisão o esperava um amigo no caminho para o avisar que estava dada a sentença para que naquelle dia o enforcassem, e que logo lhe haviam de intimar, d'onde podia por se em salvo, pois estava em termos d'isso. Mas elle reparando um pouco, se foi todavia metter na prisão por não quebrar sua palavra, e ser causa da desgraça do carcereiro. Indo ja para a forca, foi contado o caso a El-Rei D. João III, o qual lhe perdoou a morte, dizendo que não era razão padecesse um homem tão loucado.

TABELLA DAS CONFISSÕES.

Certo vigario de uma freguezia do imperio vendo e sem tempo para aviar a seus freguezes que concorriam aos bandos a confissão, declarou n'um domingo, antes da missa, que daquelle dia em diante confessaria nas:

Segundas-feiras, aos mentirosos,

Terças-feiras, aos bebados,

Quartas-feiras, aos maldizententes,

Quintas-feiras, aos ladões,

Sextas-feiras, aos adúlteros,

Domingos, as mulheres de má vida.

E' escusado dizer que d'alli em diante o

pa'bre teve tempo para coçar-se muito a seu gosto.

Pouca saude, mais vale nenhuma.—Ao fazer-se uma senhora retractar, poz-se a mandar fazer a bocca pequena, pequenina, pequenissima, até que o pintor, aborrecido, exclamou: «Olhe, minha senhora, não se incomode, se quer, faça-a sem bocca.»

Lealdade do inimigo.—Querendo Alexandre Magno dar uma batalha, Parmenião lhe aconselhou que accomettesse o inimigo de noite, respondeu Alexandre;—Não furte as victorias.

Vendedeiras d'ovos.—Indo certa espertalhona offerecer ovos a uma doceira, e offerecendo-lhe esta pagar-lh'os a seis ao vintem, em lugar de cinco, respondeu-lhe a outra:

«Pois não senhora, não hade ser nem a cinco nem a seis; dou-lhe por um vintem as porções eguaes em que os repartir.»

Contaram-os a 6, faltava 1; contaram-nos a 5, sobejava 1; contaram-nos a 4, faltava 1; contaram-nos a 3, faltavam 2; contaram-nos a 2, sobejava 1; não calhando pois certos senão a um e um, teve a doceira de os pagar todos a vintem.

—Agarrei um soldado! gritava um soldado no fim de um combate.

—Não o largues, dizia-lhe outro; leva-o contigo.

—Mas elle não quer ir.

—Pois então deixa-o ficar.

—Não sei como ha de ser, porque elle não me larga.

ANNUNCIOS

Bacellat concerta com toda perfeição orgãos e pianos. Pode ser procurado ao becco do Açouguinho n.º 41.

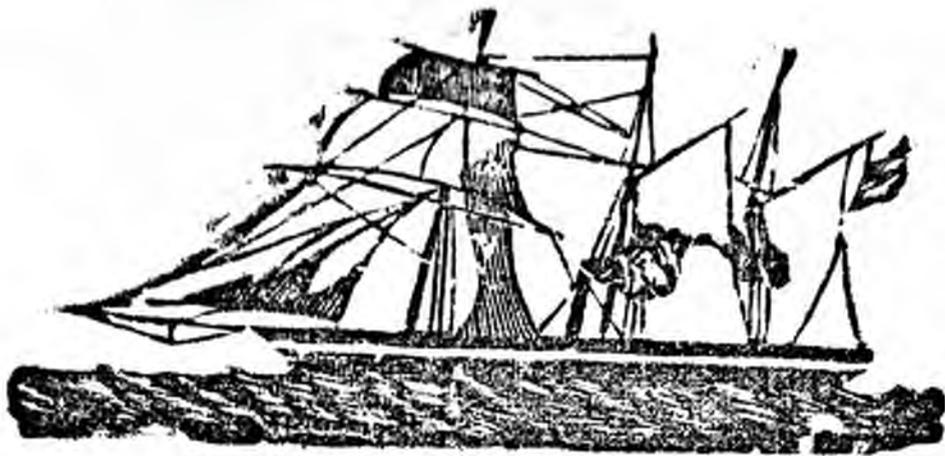
TABOCAS PARA FOGUETES.

A tulha n. 48 á rua do Caquende tem um grande sortimento, que vende barato.

NOVO CURSO DE FRANCEZ.

Lente o Sr. Professor E. Masy.

No sallão do Club Musical Bahiano, nas terças, quintas e sabbados das 6 ás 9 horas da noite.—Preço 4\$ rs. mensaes, e menos 1\$ rs. para os que frequentarem a musica. Trata-se com o Director.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V.

15 DE JUNHO DE 1867.

SERIE 22.^a—N. 216.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1.^o andar, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 12 de junho de 1867.

Officio ao Illm. Sr. administrador do cemiterio da Quinta dos Lazaros, pedindo-lhe que empregue meios para que se não continue a dar o intolerante abuso de andarem caçadores a passariñar pela visinhança do cemiterio, do que pode resultar algum sinistro; assim como torna-se preciso que S. m. exerça toda a vigilancia a seu alcance, afim de que não sejam roubadas as capellas, que são depositadas sobre as lousas dos mortos e depois dar-se a banal desculpa de que são meninos vadios, que as vão arrancar. Outro sim, espera-se que S. m. dispenda todo zelo e cuidado sobre a tapagem dos carneiros, que é feita atualmente de uma maneira pessima e irregular.

- Que lê V?
- A *Ordem* de Pernambuco.
- Não sou apologista della.
- E' porque o Sr. não ouviu um pedacinho como este:

«.....
«Ainda no dia 20 lá foi o *Guará* levar as 540 praças voluntarias de corda

chegadas da Bahia, que o *adorado* foi receber a bordo do paquete francez *Aunis* e tambem foi embarcar entre festas, como egualmente ás 600 chegadas d'ahi e outros portos do norte, que hontem seguiram nos transportes *Leopoldina* e *Jaguaribe*. . . mas quando voltarem, as que não ficarem no matadouro, umas sem pernas, outras sem braços, estas sem olhos, aquellas sem orelhas, em summa, todas mutiladas o inutilizadas para si e para as suas familias, não ha de elle querer vê-las, contentando-se em mandar-lhes dar no portão da quinta alguns magros vintens para comprarem cordas para se enforcarem, como tem feito! . . . »

Carta do Capitão do «Alabama» a seu correspondente na corte, o Patusco

(Continuação.)

—Deu-se ha pouco aqui um facto
De inteira brutalidade;
Foi affrontada a moral,
Offendida a virgindade.

Um depravado bandalho
Moça incauta seduziu,
Levou a para o Passeio
E la a prostituiu.

Depois de ter satisfeito
Seu desejo sensual,

Entregou-a a voragem
De uma caterva brutal.

Como taes feras achassem
Tanta atrocidade pouca,
Doixam a moça na rua
Sem destino, errante... louca!...

Si ha um Deus, que rege o mundo,
Como nós devemos crer,
A punição, esses monstros
Não podem deixar de ter.

Dizem que um dos authores
Dessa obra do Capêta
E' um sujeito casado,
Cujo traje é de *baeta*.

Nesta terra o seductor
Não encontra correctivo,
O ladrão, o corruptor
Campeia soberbo e altivo.

E deve ser assim mesmo,
Porque todos são votantes...
Não convem á authoridade
Ficar mal com taes tratantes.

— Certo subdelegado
Uma mulher espancou,
Estando dando audiencia;
O que a todos revoltou.

Mas o chefe de policia,
Tendo noticia do facto,
Conservou-se mudo e quedo;
Dando força ao desacato.

— Ha por cá um portuguez,
Que uma moça desflorou,
E em cima disso os trastes
Da pobre mãe penhorou.

Por ordem delle, os meirinhos
Mil abusos praticaram,
E até a roupa do corpo
Da infeliz mãe arrancaram.

Mas o que quer? Si alguém,
Em vez de cumprir a lei,
Protege a esse estrangeiro;
Lá o porque eu não sei?

— Sabe p'ra que deu a birra
Do João Soares Martins?
Na caza dos bois, gazetas
Prohibiu, por seus malsins.

Dizem que da authoridade
E' isso um flagrante excessõ,

Que só commette um louco,
Em desvario, possesso.

Outros dizem que è mesmo
Do homem das *celebreiras*
No Camisõ; que refresca
Com pepinos as caseiras.

Porem eu não penso assim,
E muita razão lhe acho;
P'ra que em casa de bois
Da imprensa acceso o facho?

Si elle fosse authoridade
Em alguma freguezia;
Tenho fé: no seu districto
Ninguem gazetas leria.

— Quizera fallar da guerra,
Mas cousa sedição é:
Entra vapor, sahe vapor,
E ella não muda o pé.

Portanto, não vale a pena;
Mesmo que, se bem me lembro,
Li, que adiou-se o ataque
Lá para os fins de setembro.

Isso mesmo é si até lá
Embaraço não se der,
Que venha do general
Os *passos* entorpecer.

— A molestia nesta guerra
Estraga mais que o fuzil,
Pois que temos de doentes
Nos hospitaes doze mil.

Embora por cá se diga
Que a cholera foi benigna,
A nós, e que ao inimigo
Vae dizimando ferina;

E' como o carapetão
Que nos querem impingir,
Que nossas balas acertam
Sem as delles nos ferir.

Com tantos revezes, elles
Constantemente a soffrer;
E nós com tudo á feição
Não os podemos vencer!

(*Continúa.*)

O VOTO LIVRE.

— «Viva a patria! A liberdade!
Viva o livre cidadão!

— Ai, Rosa, não me supliques.
Que eu não va para a eleição...

Pois não vês ovante o crime?
Pois não sentes a oppressão?..

E Rosa
Chorava,

Em quanto o marido
D'esta arte fallava.

«Não vês o povo curvado,
Sob o tributo a gemer?
Sem direitos... perseguido
No seu humilde viver?
Dizem que o voto hoje é livre...
Que pode o povo vencer!

E Rosa
Chorava.

Em quanto o marido
D'esta arte fallava.

«Dizem que o povo governa
Das urnas toda nação...
Pois abaixo os oppressores...
Castigo a corrupção!
Que triumphe o illustre honrado
Por nossa livre eleição!»

E Rosa
Chorava,

Em quanto o marido
A's urnas marchava

E foi o filho do povo
A's urnas... para votar;
Mas, ai, não pode... que a força
Fêz-o o pleito abandonar;
Lembrou então seus direitos...
Não pode o pobre fallar!

E Rosa
Chorava,

Em quanto o marido
Nas urnas clamava!

Velava a porta do templo
O soldado do poder...
E dentro o bando corrupto
A sua farça a escrever!
Em nome de todo o povo
Torpe eleição a fazer!

E Rosa
Chorava,

Em quanto o marido
Das urnas voltava.

Voltava mas... algemado,
Pois la ousara clamar,
Defendendo seus direitos,
E pretendendo votar!
Voltava... para a cadeia...
Para ver-se processar!

E Rosa.

Chorava,

Em quanto o marido.
N'algema... passava.

— «Ai, Rosa, bem me dizias...
Não é do povo a eleição!
Triumphou a força bruta...
Gemo agora na prisão!
Eis, como é livre este imperio...
Como é livre o cidadão!»

E Rosa

Chorava,

Em quanto o marido
No carcer'... penava.

A PEDIDO.

— Tanto fizeste, avarento sem par,
que enfim cahiste debaixo do meu
jugo!...

Passaste todo este tempo por um
homem de bem, porque estavas aco-
bertado com a capa da hypocrisia, meu
refinadissimo cadello de um dardo!

— Capitão, tenha compaixão para um
pobre velho.

— Não tremas velho imbecil!

Não tremestes tu, quando te asso-
ciastes a moedeiros falsos; quando sedu-
zistes aquella donzella; quando redu-
zistes á miseria aquella pobre viuva car-
regada de filhos, etc., etc

— Capitão, não me ponha a calva à
mostrá.

— Porque persegues, grandissimo
biltre, aquelle pobre pae de familia,
ha quasi desoito annos? Pelo que te
não pertence, está claro, não resta du-
vida.

Não é verdade o roubo que fizeste
daquelle terreno do qual hoje te chamas
senhor, e já tens edificado rica pro-
priedade.....

— São calumnias, capitão, que os
invejosos me levantam.

— não é verdade que, alem
desses factos citados, e que já são bas-
tante para a tua irfallivel e eterna
condemnação, tens illudido aos magis-
trados, prevalecendo-te do logar que
occupas, não recuando ante o crimi-
noso recurso de testemunhas falsas?

— Capitão, tudo isso é tramado, assim
de me intrigarem com V. Ex.

— Cala te, maroto, sovandija, sa-
iado, ladrão, cadello, hypocrita, des-
honra dos bacharóis!

—Oh! Isto è soffrer muito!

—Estão achas que soffreste muito?
Pois bem; vaes soffrer agora o *macio e*
assetinado calabrote do muxingueiro.

—Capitão, veja que eu sou um ba-
charel, e já de avançada idade, mettido
ao janotismo, não me faça passar por
esse terrivel castigo!

Por quem é V. Ex!...

—Não me é possível deixar sem cas-
tigo áquelle que o merece.

Muxingueiro!

—Aqui estou!

—Capitão, eu lhe supplico,
Tenha pena de um ladrão,
Que, apesar de roubar
Nunca chegou a baião!

—Leva este grandissimo hypocrita
para o porão e lá applica-lhe cem ca-
labrotadas, e depois deixa o amarrado
até minha segunda ordem.

—Serão cumpridas as ordens de
V. Ex.

—Ai, que tormento vou eu passar
depois de velho.

—Silencio, tratante! Muxingueiro,
conduz este safado de minha presença!

—Segue, hypocrita gomorrista.

Previne-se a um tal Sr. Souza, que
tem a cara *malhada*, que quando tomar
seu *champorrião*, não vá para a casa
das infelizes mulheres espancal-as,
como praticou um dia deste, que deixou
uma pobre infeliz bastante maltratada,
a ponto de ir para cima de uma cama.
Veja que a sua *valentia preguista*
pode lhe custar caro.

O vigilante.

Portaria

de um subdelegado desta capital á um
inspector de quartirão.

Sr. Inspetor Supriano F. Mendes —
assim que este arceber cuidara em
tirar o rolamento do seo quartirão;
para trazerme no dia terça feira sem
falta, e havendo falta o Senhor pagará
com o seo corpo, a saber um rolamento

Geral a saber de homens mulheres me-
ninos escravos;—A. C. B. Subdele-
gado Suplente.

VARIEDADES.

Uma senhora disse a um dos seus criados
que fosse buscar um rico vestido, que man-
dara fazer em casa da sua modista, mas que
fosse na carruagem porque chovia a canta-
ros. Pouco depois, apparece o criado litte-
ralmente allagado e com o vestido ensopado
em chuva.

—Que é isso! pois você não foi na car-
ruagem?

—Fui, sim, minha senhora.

—Mas então chove dentro da carruagem?

—Não, minha senhora, mas chove fóra.
Sei muito bem o respeito que devo a V. Ex.
e por isso fui na taboa.

Um individuo que tem um criado muito
bruto diz-lhe:

—João, esta moeda é de 120 rs. de pra-
ta, mas está tão gasta que ninguem a quer
aceitar. Faze por passal-a em alguma parte.

Passam-se alguns dias, e apparece João
muito alegre.

—Ja passei aquillo.

—Si o? e não deram pelo logro?

—Qual! eu não sou nenhum tollo. Nin-
guem queria receblê-a. Hoje, ao passar na
ponte, como tinha de dar 10 rs., metti-a
entre duas moedas de 5 rs., e la ficou com
ella o portageiro.

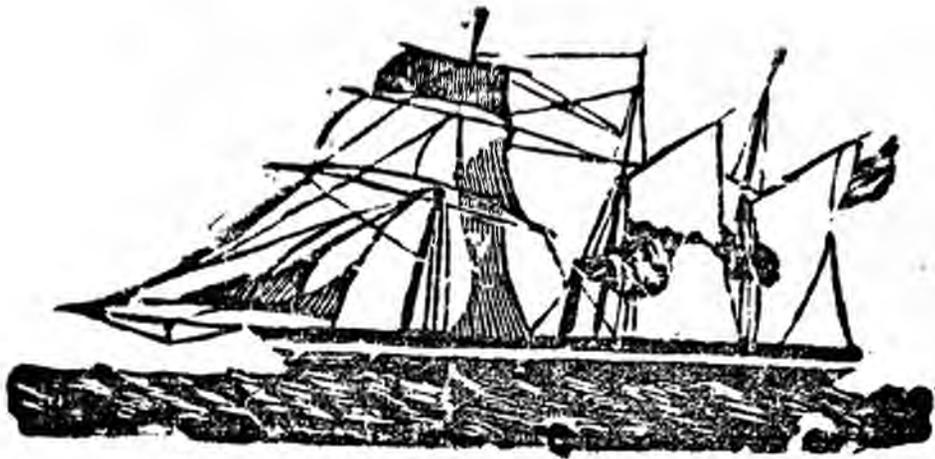
ANNUNCIOS

FUGIU desde o dia 16 de maio p.
passado um preto afric, de nome Luiz,
estatura regular, robusto, bem preto,
sem signal algum de sua nação; repre-
senta ter 25 a 30 annos de idade; le-
vou vestido camisa de riscado roxo e
calça de algodão grosso: foi escravo do
Sr. João Gonsalves Baeta, morador a
Solidade, tendo-o comprado em 1859
ao coronel Ignacio Borges de Barros,
na cidade de Santo Amaro: quem o a-
garrar e leval-o ao armazem Aspirante
às Portas da Ribeira, será gratificado
com 20\$000: elle tem sido visto em di-
versos logares desta cidade.

TABOCAS PARA FOGUETES.

A tulha n. 48 á rua do Caquendo
em um grande sortimento, que ven-
de barato.

Typ. de Marques, Aristides e Igrapiuna.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHIISTOSO.

BAHIA—ANNO V.

15 DE JUNHO DE 1867.

SERIE 22.^a—N. 217.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1.^o andar, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa eucarregada de receber publicações. Folha avuisa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 14 de junho de 1867.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Sê. levando á consideração de S. S. o pessimo e censuravel proceder das moradores do sobrado n. 9, á ladeira da Praça.

Essas *damas* passam as noites em continua orgia e, sem respeito ás familias da vizinhança, commettem as mais desregradas acções e proferem os mais offensivos termos á moralidade.

A noite de 11, foi uma das em que mais sobressahiram as scenas de devassidão e torpeza, praticadas pelas habitantes de tal prostibulo.

Pede-se portanto a S. S., que, empregando a sua valiosa protecção de authoridade, faça conter taes *perdidas* na desenfreada e dissoluta carreira, que levam, livrando por esta forma as familias de serem testemunhas de tantas desenvolturas.

—O projecto de resposta á falla do throno é uma peça de verdadeira natureza *progressista*.

—Principia por agradecer o *jubilo* e a *esperança* imperial.

—Na resignação, com que este povo de cordeiros tolerou os horrores da ultima conquista eleitoral, descobrem os dignissimos representantes do povo *consolidação* da ordem publica e amor ás instituições.

—Na Russia e na Inglaterra tambem se falla assim á respeito da Polonia e da Irlanda.

—Parece que até, pelo influxo do governo, o cholera foi menos intenso e prolongado.

Si a guerra do Paraguay ainda não chegou a seu *glorioso fim*, não é por *falta de esforços e habilidade* do governo e sim, talvez, por falta de patriotismo do povo.

Affirma que as rendas publicas augmentam, porem não chegam para cobrir as despezas, que reduplicam; os dignissimos promettem os esforços da camara para extinguir o *deficit*.

—Fazem muito bem; porque uma boa parte foi gasta na conquista do voto, que os collocou naquellas cadeiras.

—E o que me diz da falla da corda? Ouça o *Jornal da Bahia*, transcrevendo do *Jornal do Brazil*:

«Eganamo-nos dizendo que os negocios do paiz corriam mal.

«A falla do throno nos orientou melhor.

«Tudo vae ás mil maravilhas.

«Não tem havido desordens, apesar dos factos, que se deram na Bahia, em Pernambuco e S. Paulo.

«A cholera desappareceu, não obstante o obituario quasi sempre designar muitos mortos dessa epidemia; Campos e S. João da Barra pediram socorros.

«As eleições correram tranquillamente, não valendo a pena considerar o sangue, que correu em Pernambuco, Minas, S. Paulo, Bahia e Maranhão.

«A guerra em breve chegará ao seu termo, convindo entretanto demoral-a para que possa o general Mitre sustentar o seu partido no poder, apoiado em um grande exercito que está a sua disposição.

«E chegará ao seu termo precisando-se ainda de gente, munições e dinheiro; devendo ainda subir ao ar os balões, que aqui estão, e os que se encomendaram para os Estados-Unidos.

«Deve breve chegar ao termo, estando ainda no estaleiro os encouraçados, que devem dar o ultimo tiro.

«Diz ainda a falta do throno que os voluntarios da patria são credores do mais profundo reconhecimento da nação, ao passo que não se dá o soldo aos invalidos, que não podem procurar outro meio de vida.

«O Brazil está em boa harmonia com todas as potencias, apesar das reclamações pendentes dos governos de Portugal, França e Inglaterra e das republicas visinhas.

«A renda cresce, mas não chega, porque as despesas são muitas.

«As vossas luzes habilitarão ao governo na marcha do progresso, etc.

«Aberto o parlamento, o governo tem uma maioria estrondosa; quer isto dizer que os procuradores do povo, os representantes da nação, julgam, como o chefe do Estado, que tudo vae bem.

«É tanto vae bem, que uns tratam do progresso de suas pretensões, outros do progresso de sua sustentação e o ultimo mata o tempo, vendo moverem-se as rodinhas nas officinas de machinas.

«Com o progresso de taes progressistas o Brazil em pouco tempo tocará ao setimo ceu.

«Nunca porem terá uma falla tão bem fallada.

«Quem viver verá.»

— Deus dá o frio conforme a roupa.

— Não resta duvida.

— Hontem pariu uma mulher na rua sem o menor incommodo.

— Em que logar?

— Na Estrada Nova.

Ia ás 9 horas da noite por defronte do hospital dos terceiros franciscanos, quando sentiu dores: agarrou-se a uma columna de gaz, abaixou-se, espremeu-se e deitou uma linda creança. D'alli foi para sua casa.

— Vejam só! As vezes uma mulher, cercada de commodidades, n'um resguardado quarto, rodeada de medicos, vê se em colicas para dar à luz um menino; no entanto que aquella pobre mulher, sem o menor risco, no meio da rua, tem o seu bom successo!

— Prodigios da natureza.

— Milagres da Providencia!

— Continuam as violencias do recrutamento para a guarda nacional.

O 6.º batalhão agarra indistinctamente e, uma vez preso, ha de se ir à força ao calabouço, sem appellação nem aggravo.

Ainda hontem, prenderam na Praça um moço, que nunca em sua vida vestiu farda de guarda nacional e o levaram quasi à rastos: dizendo um dos ençadores que elle só não é que havia de servir.

— Prende-se assim indistinctamente, para ao depois extremar-se os que forem guardas da Sé e não marcharam para o Sul, que são obrigados a servir no 6.º

— Esta é de eternas luminarias! . . .

Porque os guardas da Sé são chamados a servirem n'um batalhão, esteja todo povo sujeito ao furor e desregramento dos homens de farda! . . .

Depois, quem tem authorisação de mandar que guardas de um corpo vão servir em outro?

— O governo.

— Mas ainda não vi acto do governo mandando addir ao 6.º batalhão os guardas da Sé, que não foram para o

Sul, os quaes; si deixaram de ir, foi por terem indubitavelmente, isenções legaes.

— E alguns por *graça*.

— Neste caso e uma traição, que lhes fazem, porque quem os dispensou por *alguma coisa* (oi), e no primeiro é uma falta de justiça; soffrendo o publico, em ambos elles, grave detrimento e violencia.

— Justiça! o que significa perante governos cuja acção só tende a um fim; cuja força só se manifesta no manietar constante da opinião que lhes escapa, do voto que lhes foge?!

LA VAE VERSO.

O POBRE VELHO.

Uma esmola, irmão, ao velho,
Que para comer não tem;
Pobre Velho n'este mundo
Sem arrimo, nem vintem:

Uma esmola. . . Deus vos pague,
Como paga a quem faz bem.

Eu sou pobre, não da graça
De Jesus, o Redemptor;
Não tenho mais o meu filho,
Que roubou-me um malfetor!
Que roubou-me. . . vou contar-vos,
Contar-vos com muita dor

Depois de muitos revezes
D'austera sorte cruel,
Na terra fiquei sozinho
Com meu filho, o Manuel;
Bom rapaz, probo, excellente,
Trabalhador, e fiel!

Nós então eramos juntos
Na choupana qu'elle fez,
Gozando doce remanso
Todo o dia, todo o mez.
Não sentindo d'alimentos,
E nem de roupa escasséz.

Eu rezava em minhas contas
Na velhice a descansar,
Em quanto gozava famma
Manuel em trabalhar;
Toda a gente lhe queria,
Toda a gente do logar.

Mas, um dia. . . oh! que não posso
Sem muito pranto dizer!
Mas, um dia. . . o delegado

Meu filho mandou prender!

Ai, prendeu-o para recruta,
Sem pena do meu soffrer!

Lancei-me a seus pés gemendo,
Clamando com dissabor;

— Oh! soltai o. . . é arrimo

Do pobre velho, Senhor! . . . —

Maltratou-me o delegado

Com semblante aterrador,

E fiquei ao desamparo,

Doente, quasi a morrer,

Sem forças para segui-lo.

Sem ninguém p'ra me valer!

E fiquei morrendo a fome,

Chorando, sempre a gemer.

Mas, Deus é pai dos afflietos,

Deus é bom, tem compaixão,

Apesar de tantos males,

Meus labios dizem perdão!

Inda espero ver meu filho

Junto de meu coração.

E' por isso que vos peço

Uma esmola, meu irmão:

Reparai no pobre velho,

Que vos estende a mão:

Vossa esmola recompense

A Virgem da Conceição.

A PEDIDO.

— Não posso aturar bebedeiras de ninguém.

— E' porque só pode aturar as suas.

— Engana-se.

— O que eu não estou é para massadas.

— Pois então la vae. . . .

Ha um taberneiro insolente, em uma das ruas lá para a *Doença*, que se conserva constantemente bebado, e cuja bebedeira dá para praticar quantos desatinos se pode fazer. Xinga á todos os visinhos, espanca a mulher e aos caixeiros, inclusive os sobrinhos: enfim o homem é o diabo.

— Basta. Onde mora?

— E' visinho do *Antonio*, mora na propriedade do *Simões*, de quem o *Valtasques* é procurador.

— Já sei. Será algum eleitor de *taboca*?

— E' esse mesmo.

— Muxingueiro, prepara a taça e vae procurar o tal bebado, na cidade baixa, de onde sempre sobe carregado, pelo seu estado de embriaguez, e passa-lhe umas *vergalhadas* para ver se toma vergonha.

— Que barulho é aquelle alli na ladeira onde ha *misericordia*, em casa da Brasileira?

— E' o Juvencio, que anda aos couces com ella.

— La sahio elle. Onde irá?

— Vae ao subdelegado, se queixar que levou uma chavascada pela cara e uma dentada no peito?

— Veja que safado! Hoje faz este barulho todo, e amanha está outra vez a rondar a porta da mulher.

— Capitão, V. Ex. conhece os substitutos do Granada e do finado Chico Papae?

— Não. Quem são elles?

— E' o Dr. Mon-bon Gracia, o Dr. Piroca do Breu, o Sá de Freio e o 65.

— Então esses quatro *rapandorios* andam com *bugiarias*?

— E' verdade; são estes sobreditos cujos senhores, que andam a expulsar do corpo dos viventes o espirito mau, a que chamam Infertine.

— De quem já tiraram elles o tal espirito de Infertine?

— V. Ex. não ouviu dizer que ha um religioso no convento do *Santo Serafico*, doudo?

— Já.

— Pois os tafues disseram que o religioso tem o espirito de Infertine no corpo, segundo disse a medium, e um dia dirigiram-se ao convento e pediram ao *maior* da ordem, para consentir que elles fossem visitar o dito religioso.

Ora, como isto é muito natural, o *maior* consentiu. De momento ouviu um grito: — Não me assassinem, ladrões!

Sendo de costume, quando elle está furioso, mandarem uma boceta para elle tomar rapé, o *maior* mandou por um moleque a boceta, assim de moderar-o.

O moleque volta dizendo: — Sr. padre, lá tem uns homens que estão a in-

commodarem o pa'ro, com umas asneiras.

O *maior* sahio, acompanhado de um outro religioso devoto de S. *Raymundo Nonato*, foi á cella do frade doudo, e la encontrou o Dr. Mon-bon e seus adjuntos, de joelhos, a gritarem: — Sae espirito mau, larga o corpo deste religioso, que pertence ao *Spirito Santo*, segundo a prophesia de frei Antonio.

Vendo o *maior* este ridiculo acto, os tangeu para fora, pois estavam desta forma a martyrisarem o pobre religioso no seu leito de dores.

— Que tratantes!

Só me admira o Dr. Mon-bon, o primeiro *litterato* d'aqui, mettido nestas cousas.

— V. Ex. ainda não viu nada. Elle diz que o espirito d'elle já pertenceu a um lord-inglez.

— Está o que não duvido; porque a Inglaterra tem muitas possessões em Africa.

Ora, para que haviam de dar estes obsecados phanaticos!

— E o mais celebre é andarem involvidas nestas bandalheiras as authoridades policiaes.

— Deixe lá os taes tiradores do espirito de Infertine, que na la adianta.

— Já ha muito que os deitei ao pasto.

ANNUNCIOS

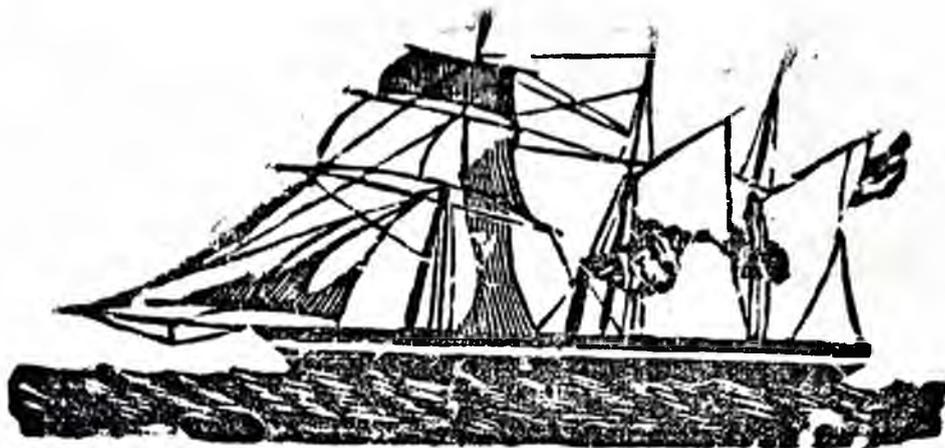
CAXORRA DO REINO.

Fugiu no dia 6 do corrente uma, do escriptorio do theatro: quem a achou queira levar ao mesmo theatro e entregar ao abaixo assignado, que será bem recompensado. — *Eduardo d'Abreu Contreiras*.

TABOCAS PARA FOGUETES.

A tulha n. 48 á rua do Caquendo tem um grande sortimento, que vende barato.

Os herdeiros do finado José Ricardo de Santa Anna vendem tres frentes de casas em terreno proprio, sitas á rua nova do Queimado. Quem pretender dirija-se a esta typographia, que se lho indicará a pessoa encarregada de fazer esta venda.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V.

18 DE JUNHO DE 1867.

SERIE 22.^a—N. 218.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1.^o andar, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 17 de junho de 1867.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Se, communicando-lhe, que na noite de sabado. tres moços *divertidos* conhecidos por *Gira-grande*, *Olavo* e *Quinquin Parteiro*, depois de se metterem debaixo dos *aguaceiros*, fizeram quanta estrepolia houve, entre as quaes sobresahiu a de arrancarem a porta da entrada da casa n.^o 4 á rua direita da Misericordia, onde mora uma tal Irias, concluindo a *graça* com uma estrepitosa assuada na mesma casa.

Espera-se que S. S. se dignará chamar á ordem esses *folgãos* da noite.

—Por toda a parte a impunidade!

Antos viver nos desertos africanos, por que cada um trata de garantir-se.

Mas aqui! com esta mentira a que chamam lei, está a gente exposta a sofrer, pelo menos, o que soffreu aquella pobre mulher.

—Que teve ella? Vae carregada.

—Um bolceiro da companhia de Vehiculos vinha á cavallo, pelo becco de Maria Paz, em galope desfechado, e deu-lhe tamanha *tungada* que abriu-lho a cabeça. A mulher ficou sem sentidos,

e agora vae carregada comer galinhas um mez pelo menos, si não morrer; por que pela brecha vê-se-lhe os miolos.

—E o delinquente?

—Está na porta de sua casa, quero dizer, na cocheira, impavido e altaneiro.

—Bem, bem, assim é que é bom.

—Nesta terra se vê tudo!

Ainda hei de ver, si viver, mosquito calçar sapato e carangueijo tocar viola.

—E V. virar macaco.

—O que Deus tal não permita.

—Quem sabe? Nesta terra, onde não se distingue o crime da virtude, onde, por uma pataca, confunde-se a moralidade com o vicio, onde aquelles, que, segregados pela lei, da communhão social, têm direito a confundir-se com o cidadão morigerado e honesto, não ha nada a admirar.

—Basta de exordio, vamos ao texto.

—No sabbado, vindo do Bomfim na diligencia das 4 horas, fiquei de queixo cahido, vendo-a parar na Calçada, para receber... advinhe a quem?

—Como eu posso lá saber?

—Para receber um galé, que andava por lá passeiando.

—Está V. a contradizer-se, si nesta terra tudo se vê, como se admira que a companhia de Vehiculos, empreza commercial, franqueie seus carros a

quem lho paguo, seja embora um forçado, assassino, ladrão convicto etc?

—Arrastando a corrente, foi elle sentar-se indistinctamente entre os cidadãos, que enchiam a gondola.

—E que foi fazer à Calçada esse forçado?

—Passeiar.

—Sózinho?

—Acompanhado de dous soldados, um dos quaes veiu com elle na gondola e o outro á pé.

—Sabe o nome do galé?

—Pizarro.

—Ah! é um implicado n'um envenenamento, que se deu, ha annos, na Preguiça.

—Justo.

—Ahi só o que vejo de admirar, é a condescendencia dos guardas, que, ás vezes, n'uma simples prisão, não querem que o preso entre n'uma cadeira; no mais não.

—Sómente?

—Sómente.

—Pois a sociedade não tem admitido distincções, assim de que o malleitor não hombreie com o justo?

—Homem, V. quer ouvir, os mandamentos, que regem este mundo são dous — *amar o dinheiro sobre todas as cousas, e a barriga como a nós mesmos.*

A companhia precisa de dinheiro para aguentar-se.

—Que sarceiro foi um na cocheira dos Vehiculos?

—Eu sei, eim! Ouvi contar pelo alto.

—Serve.

—Dizem que o director João Ignacio quiz castigar um boleeiro por insubordinação...

—Escravo delle?

—Não; livre.

—Então nas machambombas dá-se pancada em gente livre?

—Ignoro.

Como o homem não se quiz sujeitar a esse aviltamento, foi amarrado, espancado á valer e depois enviado ao Sr. Dr. chefe de policia, que incontinenti o remetteu para bordo.

—Essa ainda é melhor!

Então o chefe de policia, sem conhecimento do facto, ignorando os motivos, que deram causa a tal conflicto, enviou para bordo um homem, que acabava de ser violentado em sua condição de livre, espancado e amarrado? sabia elle de que lado estava a razão?

—Para que?

O homem é pobre, fraco, desvalido; não podia ter a razão de seu lado.

—Não é assim; tambem alguem pode dizer que S. S. commetteu um grave arbitrio para satisfazer á caprichos de alguem.

—E' verdade que um dia destes bateram se á espada um capitão e um alferes?

—Dizem.

—De que batalhão?

—Ignoro.

—Estas scenas de pugilato são tão feias! Principalmente em certa gente.

—Ilão de deixar isso lá para fora; a *Pirajubyba*, por exemplo.

—Lá fora, a cousa é de outra maneira, espera-se o jacu atiaz do pau.

LA VAE VERSO.

O VELHO JANGADEIRO.

Velho... fraco... quasi ego...

Meus dias passo no mar,
Sobre a minha jangadinha
A' noite volto ao meu lar,
A's vezes rindo contente,
Muitas vezes a chorar!

Sorrindo si fui ditoso...

Chorando si não pesquei...

Eia, vamos, jangadinha,
Sobre estas vagas correi!

Eia, vamos... que na choça,
Perdida no areial,

Ai, pelo vento rasgada,

Desfeita pelo terral...

Me esperam pobres filhinhos
De quem sou triste lara!

Quasi nus... curtindo fome,

La na palhoça os deixei...

Eia, vamos jangadinha,
Sobre estas vagas correi!

Quasi nus, ao abandono,
Das praias na solidão,

Sem um consolo na vida,
Sem um pedaço de pão...
Fitando as ondas traidoras,
Que rugem... sem compaixão!

Meus filhos... e Marianna,
Que sempre fiel amei!
Eia, vamos, jangadinha,
Sobre estas vagas correi!

Ai, sorte! não a esperava,
Quando ao meu paiz natal
Servi como marinheiro...
Marinheiro imperial!
Qual servi em Toneleros,
Que aos olhos foi-me fatal!

Aos olhos... pois quasi cego
De Toneleros voltei...
Eia, vamos, jangadinha,
Sobre estas vagas correi!

Quasi cego... me expulsaram
Lá da corveta *União!*
Que valiam meus serviços?
Nem d'elles fez-se menção!
E eu vim erguer minha choça
Nas praias... chorando então!

Que a miseria foi a paga
Dos serviços que prestei...
Eia, vamos, jangadinha,
Sobre estas vagas correi!

A miseria! Não sei como
Nesse tempo não morri...
Quando a esposa, quando os filhos
Gemendo de fome ouvi!
Então fiz esta jangada,
E uma esmola ao mar pedi!

Mas cruel... impietoso
N'esse dia o mar achei...
Eia, vamos, jangadinha,
Sobre estas vagas correi!

Nada... nada... Allucinado...
Lembrei-me... bom Deus, perdão!
De trazer toda a familia
Na jangada, e logo... então...
Morreremos todos nas ondas,
Morreremos sem confissão!

Mas valeu-me a Virgem Santa,
A quem depois implorei...
Eia, vamos, jangadinha,
Sobre estas vagas correi!

Desde esse dia... assim vivo...
Si pesco tenho o comer...

Si nada levo das ondas,
Ouço da fome o gemer!
Eis o presente... o futuro
So Deus o pode saber!

Mas, confio em Deus... E' summa
Sua clemencia... bem sei!
Eia, vamos, jangadinha,
Sobre estas vagas correi!

A PEDIDO.

— Veja como são as cousas, Sr. Carlos...

— A respeito?

— Enquanto uns são de opinião que, na *Bahia*, *illustrada* como é, o Sr. merece um lugar de honra, outros dizem que de Vm. deve se fugir, como do mais detestavel e perigoso mortal.

— Não sei o motivo.

— O motivo, é porque, dizem, Vm. acaba de commetter o acto do mais revoltante cynismo, a acção da mais torpe sensualidade, o mais inqualificavel abuso de confiança, a mais negra das traições.

— Ignoro.

— Dizem que com isso Vm. mostrou aos que ainda não o conheciam, que é um refinado falsario, um ingrato de chapa; um ataque vivo á pudicicia das familias, um constante desinquietador do lar domestico...

— Tudo isso não mercee conceito. Apontem o que fiz, para mo assacarem tantas injurias,

— Que o Sr., além do mais, attentou sacrilegamente contra os preceitos da nossa santa religião.

— Mas qual é esse crime tamanho, que commetti? De que me accusam?

— Nada menos do que de seduzir o perder uma senhora.

— Ora essa!... Quando assim fosse, era isto algum jumento a voar, algum touro a cantar, algum tubarão a nadar em secco, para causar tanto espanto? E' cousa nunca vista?

— Seria assim como o Sr. diz, si não houvesse a circumstancia de ser ella sua comadre.

— Eim?!...

— Não se espante. E' o que dizem—

que o Sr. aproveitand-o-se traiceiramente da ausencia do seu compadre e abusando infamemente da confiança por elle depositada em Vm., perdera a infeliz senhora, por maneira tão irreparavel que, nem a sua *meio-pathia* foi capaz de apagar a prova irrefragavel da ignominia e vergonha, que o Sr. lhe fez sorver.

—E o Sr. crê?

—Apenas aqui comparo os dous extremos: enquanto uns são capazes de fazer um *juramento sagrado* de que na *Bahia, illustrada* como é, o Sr. tem jus a um logar de merito, outros acreditam que Vm. é um perverso detestavel.

—*Aurelinho*, cousinha ordinaria, para que te foste metter em camisas de onze varas? Não vistes logo que a alhada te havia de sahir caro?

E' verdade que bestas como tu não raciocinam.

—O *Augusto* e o *Pereira* foram quem me metteram nesta bruziguilhada, e agora deixaram-me na rascada.

—De mais a mais, és um sendeiro sem habilidade, que vás pelo cabresto onde os outros te levam!

Tu estás no caso de insultar alguém, armazem de maculas?

Podes fallar em honestidade de familia?

Tu, que, para eterna vergonha, si a vergonha podesse penetrar nesse rosto azinhavrado, bastava aquelle facto passado em Itaparica com o irmão do padrei

—Isto já passou; fui ao Sul como tenente e voltei com a cara limpa.

—Ella veiu limpa, porém foi de pejo e pudor.

Vae te metter entre *silvas* agrestes, cousa abjecta e asquerosa.

Porque não fazes com que a *Lydia* pague a mobilia, que tomou fiada e nem aos cinco tostões quer pagar?

Porque não reparas a vida dissipada e regateira, que leva aquella *heroína* tão chegada a ti?

As contas a ajustar com o Nonô é elle pagar os 20^{rs.}, que tomou empres-

tados a aquella pessoa e que até hoje deitou da parte do esquecimento.

—Deixe está que elle paga.

—Pois deixa para fallares depois e não andes a escoucear, besta de um dardo.

Lembra-te do João Tanoeiro.

—Ah! ah! a cousa já esteve melhor; retiro me.

—Vae safado, certo de que, si continuares, has de ouvir a tua nojenta chronica e de todos de tua pandilha, e si isso não fizer massa nessas faces deslavadas, saborearás a gostosa taca do muxingueiro nesse lombo de camello.

AO ILLM. SR. DR. CHEFE DE POLICIA.

Chamamos attenção de S. S. para um insolente e incorrigivel moleque de nome Horacio, escravo, morador á Fonte das Pedras, o qual seduz os meninos para fins libidinosos de parceria com um outro, tambem escravo, de nome Cosme, alem de muitas outras immoralidades que poem em pratica; e si alguma pessoa tracta de desviar os pobres innocentes incautos, expões-se aos maiores insultos destes dous desemfreados. Em vista pois do exposto, espera se de S. S. providencias a respeito.

VARIETADES.

O SOL APRESSADO DE MAIS.

«Como, preguiçoso! dizia um trabalhador, acordando o filho, tu dormes ainda e o sol já está fora!» O filho respondeu lhe ingenuamente, esfregando ainda os olhos: «E' culpa minha que o sol tenha sabido antes de amanhecer?»

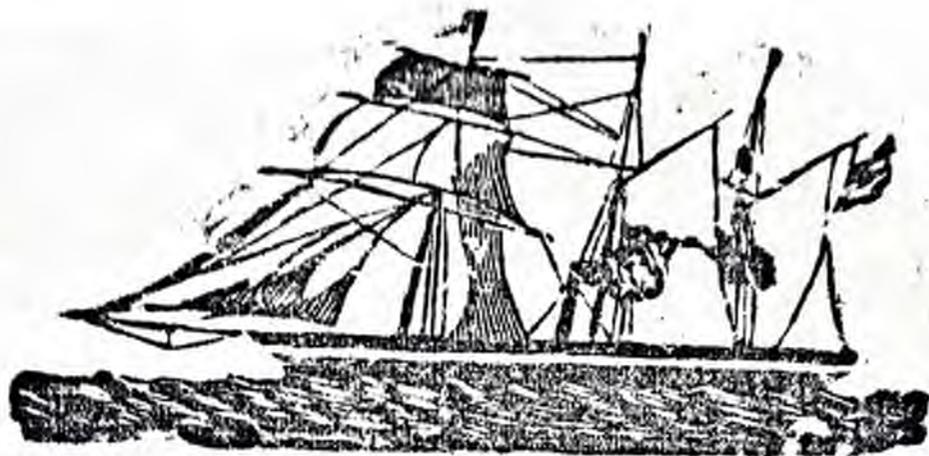
Um medico foi chamado para curar uma senhora doente imaginariamente: interrogou-a e ella confessou-lhe que comia, bebia, e dormia como sempre. «Pois bem, disse-lhe o medico, vou dar-lhe um remedio que lhe ha de tirar tudo isto.

ANNUNCIOS

ATTENÇÃO.

Solda-se vidro, louça, e marmoro que estiver quebrado, garante-se a solidéz dos objectos soldados na loja n.º 38: á rua d'Alfandoga se dirá quem.

Typ. de Marques, Aristides e Igrapiuna.



O ALABAMA

PERIÓDICO CRÍTICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V.

20 DE JUNHO DE 1867.

SERIE 22.^a—N. 219.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1.^o andar, onde se recebe assignaturas a 4\$ rs. por series de 10 numeros, ou 3\$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

A redacção do *Alabama* declara que a ninguem tem mandado levar folha em seu nome, nem mesmo a de sua propriedade.

A coadjuvação com que nos honram è toda espontanea. As pessoas que querem assignar, vão, ou mandam á typographia.

Semelhante declaração tem por fim esclarecer a alguns Srs. assignantes, que nos reclamam que, além de nos obsequiarem, subscrevendo para a manutenção do humilde periodico, ainda lhes enviamos um outro para assignar, tornando-se assim oueroso o favor que nos fazem.

Fiquem pois de sobre aviso de que nenhum consenso demos, nem concoremos para que se mande folha em nosso nome.

A Redacção.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 19 de junho de 1867.

Officio ao Illm. Sr. subdelegado da Sé, chamando sua attenção para o sobrado n.^o 32 á Ladeira da Praça, onde nos informam que são castigadas com desmedida severidade meninas que ali aprendem a coser; sendo que ainda na

semana passada levára uma dellas sessenta palmatoadas bem puchadas.

—Esta semana tem sido toda aziaga! E ainda está no meio.

—Tem se dado nella diversos acontecimentos lamentaveis.

No dia 16. à noite, nos Coqueiros, freguezia de S. Pedro, Raymundo de tal, que ha pouco sahio das galés, deu no ex-voluntario João de tal profundos e gravissimos golpes de navalha em casa de umas mulheres do mundo.

—Morreu?

—Não; mas está no hospital militar em perigo.

Na mesma noite, um individuo de nome Clemente, estando á *sambar* com outros, em casa de umas *conhecidas* á rua do Genipapeiro, *arreliou-se* e com um pau fez proezas, deixando um dos sucios em estado de ir carregado para o hospital de caridade tratar-se.

Hontem, 18, na Praça, um molequo deu tamanha pedrada em outro que o deitou sisudo ao chão, com uma enorme contusão.

Ao mesmo tempo, na ladeira do Taboão repetia-se uma scena de descommedida imprudencia.

O 6.^o batalhão, que anda desenfreado á prender á torto e á direito para augmentar gente, quiz á força prender um homem; houveram contestações, o

dellas passou-se ao uso dos paus e das bayonetas, cacetadas, pedradas, ferimentos, etc. O povo foi para porta do quartel do 6.º, deu foras o queria invadir-o; o official de estado reforçou a guarda, calou bayonetas e investiu sobre o povo, que, graças a prudencia do alguem, dispersou-se.

—Essas leviandades ainda não de dar algum resultado serio.

—O infeliz Jose Antonio Lage, morador á rua do Saboeiro, dirigiu-se hontem ao cemiterio da Quinta dos Lazaros e com uma pistola poz termo a existencia.

—Coitado!

—Deixou uma carta narrando seus soffrimentos, onde declarava que a falta de meios o levava a esse acto de desespero.

A' noite um homem casado, morador em S. Miguel, pae de nove filhos e chefe de uma numerosa familia, tomou uma mona e quiz acabar com a *trascancia*; espanceou mulher, eunhada, filhos, irmãos, etc. A vizinhança acudiu e o subdelegado mandou-o cosinhar a borcheira na casa de Correção.

—Que semana! Tomara já vel-a pelas costas.

—A isso ajunte a desordem que resulta no serviço, pela pouca pratica dos guardas do batalhão 21, que tem comparecido em alguns desses factos. Os homens, entendem que quem vai prender tem direito à espancar e fazem o diabo: dão *estoiros*, bayonetadas, etc.

—Por fallar nisso, lembrei-me: como é que o commandante consente que esses guardas andem pela rua de pés no chão?

—Que tem isso? Os homens estão acostumados á andarem lá fora á vontade; extranham agora vendo-se metidos em fundura.

—Aqui está um pedacinho do *Jornal do Brazil*, digno de ser apreciado.

—Leia.

—«O patriotismo dos ministros.— Quando de todas as partes do imperio, immensos particulares fazem donativos patrioticos para as urgencias da guerra,

os senhores ministros fecham as suas bolças e nem ao menos cedem por um mez, em favor das urgencias da guerra, ou do Asylo de invalidos, as gratificações, que percebem como ministros d'Estado!...

.....

O Sr. Zacharias, que é dos ministros actuaes o mais rico, que deveria, como um dos grandes do imperio, ser o primeiro a dar exemplos de patriotismo e abnegação, tem o seu cofre fechado para a nação, não tem dado um real para a guerra, nem ao menos offereceu um liberto para servir no exercito e para cumulo de sua generosidade, ainda percebe a gratificação de ministro d'Estado em uma occasião em que o paiz necessita tanto de dinheiro.

E assim querem excitar o patriotismo do povo? Querem exigir do povo aquillo de que, vós, grandes do imperio, não tendes dado a minima prova?...

O Brasil breve naufragará com taes pilotos!...»

—Os beleguins do governo progressista, verdadeiros *Phariseus* da situação, já não respeitam o templo do Senhor, e nem veneram os symbolos mais sagrados do catholicismo.

—Muito má vontade tem V. ao governo.

—Fallo á vista do que acabo de ler no *Diario de S. Paulo*.

—Diga o que é.

—Celebrava-se na matriz da villa da Cutia (provincia de S. Paulo) a solemne festividade de sabbado de *Alleluia*. No momento em que o sacerdote celebrante levantava a hostia sagrada, uma força armada invadiu a igreja para recrutar por ordem do subdelegado Antonio Manuel Vieira! O povo, assustado com aquelle apparatus de força, tentou fugir. As mulheres pediam socorro, e, no meio da confusão e tumulto, eram pisadas por aquelles que procuravam esconder-se na capella mór, atravessando a multidão. Preso um moço, que fazia parte da musica da capella, os seus companheiros precipitaram-se para o lado do altar mór, e, abraçados com os padres, que cantavam a missa, pediam

socorro em altas vozes. O digno o virtuoso vigario, vendo que o tumulto crescia e que o templo estava profanado, sem que ninguem pudesse prever quaes seriam as ultimas consequencias de tão inaudito sacrilegio, porque muitos ja se preparavam para a lucta; o virtuoso vigario, adornado com as suas vestes sacerdotaes, desceu do altar, e veio conter a desordem com a sua voz imponente. O muito digno vigario de Itapecerica, que celebrava a missa, rodeado de povo e ouvindo gritos de dôr e consternação, teve bastante sangue-frio para não abandonar o sanctuario no momento solemne da consagração da Hostia. Longo tempo foi necessario ao prudente, respeitado e energico padre Rocha para apaziguar o povo, fazendo sahir do templo os infames bebeguins, que levavam em triumpho uma victima do sacrilegio subdelegado.

— Não é preciso uma unica palavra a narração deste facto: si o seu author ficou impune, é porque vivemos em uma epocha em que são permittidos todos os crimes

A PEDIDO.

— As guardas e destacamentos em certos e determinados logares são para manter a ordem e garantir a segurança individual ou para provocarem desordens e assuadas?

— Ora bimbás! Isso é pergunta que se faça?

— E porque não?

— Pois para que se destaca uma força, sinão para fazer respeitar a ordem publica e vetar pela propriedade e segurança dos cidadãos?

— Eu tenho visto tanto o contrario disso!

— E' falso.

— Ainda na noite de 17 fui testemunha: a guarda de palacio esteve em completa *pandega*, os homens, que passavam acompanhados de mulheres, eram apupados de—*carrapto larya a vacca, renitente deixa o osso*; sem se saber si era um homem casado, ou um azeiteiro que alli ia.

Os soldados, estavam fora de unifor-

me e as carreiras pela praça a gritarem *Caga-fogo!* O sargento tirou o cinto, a banda e mais *paraminguás* e mettu-se na baderna.

— E o official o que fazia?

— Não sei.

— Esta bom, com tudo não é o desvio de um ou outro, da senda de seus deveres, que o authorisa a dizer que a força publica é a primeira a fazer assuadas.

E si o facto chegar : o conhecimento do digno commandante das armas, elle hade ventilar isso e dar goito á cousa.



(Continuação.)

— Padre Janico, com a morte da mãe, fez o diabo á quatro. De posse de todos os bens do casal, dava largas a seu genio perdulario e desregado.

Entretanto, como *Deus consente, mas não para sempre*, succedeu que uma das orphans, pondo-se moça, casasse com um rapaz de sangue no olho, casamento esse, que se realisou contra a vontade do famigerado aza preta de corôa, pois que lhe fazia conta que ellas permanecessem solteiras, afim de nunca prestar contas.

O marido da menina, tratou de chamar padre Janico á contas e o pozdo *curral apertado* e com as calças nas mãos (porque elle não usava de batin^a).

Quando se viu muito acossado, imaginou um expediente com que se livrasse da rascada, e, fertil em ladrocinhas, formulou aladroadas contas, de suppostas quantias que sua mãe lhe ficara a dever; porem o diabo, que é judeu, e ás vezes diverte-se em descobrir as traficancias e malignidades dos seus adeptos, fez com que toda a ladroeira do perverso ministro fosse desmascarada, por se ter verificado, que as datas das contas eram posteriores á morte da velha.

Nesta entaladella, padre *Janico* viu-se obrigado a recorrer á clemencia de suas victimas.

Com artimanhas poude conseguir que se paralisasse o pleito contra elle e para adocicar a bocca dos herdeiros deu a casa da rua das *Bengalas*, sob condicção de lhe darem 50\$ rs., annuaes.

— Sempre o espirito eivado de raticão!

— Ora!

Vendo que a cada dia lhes eram descobertas novas trampolinas vendeu a loja, comprou uma fazenda n'uma costa onde o mar não é pequeno e la foi se encafuar, tendo a notavel sagacidade de mandar pedir ao marido da sobrinha, que não continuasse com questões com elle, que se compadecesse de ser um homem ja velho e que sua consciencia o accusava de que tudo aquillo era dos seus sobrinhos e que sem questão, elle entregaria mais tarde ou mais cedo.

O homem, marido da sobrinha, que era bom e credulo, concordou com o pedido do tacanho papa-hostias, o qual vendo não continuar mais a questão, poz uma pedra em cima e nada deu, alem da casa das *Bengalas*.

(*Continúa.*)

— Quem é o thesoureiro do Divino Paraclito?

— Ob' ja não sabe?

— Não.

— E' o mesmo.

— Graude Deos!! Que mania de gentes para uma thesouraria! Novo annos! Forte molestia!

— Renitente lhe chamo eu, Santo

Antonio nos acuda pelo seu dia de hoje.

— *Procurador*, para que V. poz o dinheiro do pobre official de justiça no peito?

— Não masse!

— Não masse! A massada são os cobres alheios que V. chupou.

— Si o *Marcolino* não m'os deu, como é que eu gastei?

— V. mais o *Bernabé*, que é outro refinado trataute, comeram o suor do homem.

— Espere até ver.

— Deixe-se desses insulsos phraseados e va pagar o trabalho do homem, que precisa para manter sua familia.

— O culpado sou eu de me misturar com meirinhos

— E' que todos os meirinhos não se querem hobrear com V. Quem lhe entende é o *Satyro* que depois de lhe descompor, aperta-lhe a mão e vão á venda do Xico matar o bicho.

VARIETIES.

Certo commandante de uma companhia, querendo chasquear um seu alferes, disse: «soldados! sentido! olhem que tenho aqui dous olhos, e um atraz, que é o meu alferes.»

Estando uma Sra. a jogar o voltarete, disse para um dos parceiros: «Faz favor de dar quatro por baixo áquelle Sr.»

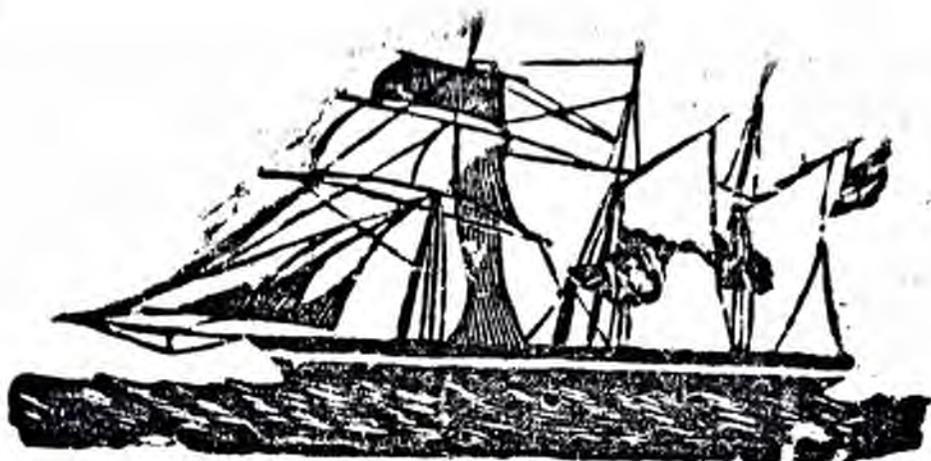
ANNUNCIOS

TABOCAS PARA FOGUETES.

A tulha n. 48, á rua do Caquende, tem um grande sortimento, que vende barato, e um completo sortimento de fogos do melhor fogueteiro, como sejam: espadas, craveiros, pistollas, rodinhas, traques da india, ditos de sete estouros, ditos de massa, candeias, chovinças, bombas, sortes, chuveiros, foguetes do ar: que se vende muito barato; tanto em porção, como a retalho.

ATTENÇÃO.

Solda-se vidro, louça, e marmore que estiver quebrado, garantindo-se a solidez dos objectos soldados, na loja n.º 38: á rua d'Alfandega se dira quem.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V.

22 DE JUNHO DE 1867.

SERIE 22.^a—N. 220.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1.^o andar, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 21 de junho de 1867.

Portaria ao aspirante pedestre João de Deus, ordenando-lhe que vá ao Terreiro de Jesus na loja por baixo da casa do Sr. José Antonio Bispo, e intime a umas depravadas meretrizes, que ahí moram, que não continuem a proferir palavras obscenas, offendendo com isso á moralidade publica, sob pena de serem conduzidas para o porão deste navio, afim de provarem da enorme *taca* do muxingueiro. Cumpra.

—Chegou hontem da cõrte o Ex. Sr. Dr. José Bonifacio Nascentes de Azambuja, presidente nomeado para esta provincia, e tomou posse hoje á uma hora da tarde no paço da camara.

—Deus o traga em boa hora.

—Parece que não é amigo de apparatus: hontem quando o vapor ancorou, não quiz esperar pela galeota e veio para terra n'um saveiro usual; agradeceu um esplendido carro que lhe mandaram offerecer e subiu a ladeira a pé acompanhado apenas de tres amigos.

—Si eu acreditasse em bruxarias não julgava de bons auspicios a entrada de S. Ex em palacio.

—Porque?

—A guarda de palacio quando S. Ex. se aproximou, fez um *zig-zag* e foi se collocar em frente á Relação, provocando isso a bilaridade da turba molocal.

—Historias.

Tem dado motivo a commentarios o facto que, dizem, praticara o antecessor de S. Ex., deixando-o á *secca* sem almoçar, vendo-se o Exm na necessidade de mandar buscar refeição no hotel.

—So si o homem está arrufado.

—Tambem não mandaram, como é costume, a guarda de honra recebê-lo.

—Tudo isso nada vale; faça elle bom governo, é o que se quer.

—Está na terra o capitão de Zuavos Marcolino José Dias.

—Veiu com quatro mezes de licença.

Tem tido demonstrações mui lisongeiras.

—E' verdade: o homem onde vae é acompanhado de uma multidão de povo

—Deve ficar penhorado do acolhimento, que lhe prodigalisam seus patrios bahianos.

—Assim é que eu quero ver; apreciar-se o merito onde elle existir.

—Como é que uma authoridade ouve isto de cara limp.!

—Isto o que?

— Isto que diz o *Progresso*:

« *Villa da Feira de Sant'Anna.* — Escrevem-nos o seguinte:

« Ouvi de um amigo a relação da excellente informação, que andou de *deo in deo*, e que foi das authoridades da Feira para o Exm. presidente, ou Dr. chefe de policia, sobre as optimas qualidades do actual subdelegado desta villa, José Luiz da Silva Lima, que, sem meio de vida, se occupa de *furtar cavallos* e praticar outras miserias, que constam dos seis ultimos documentos publicados em o seu *Progresso*.

.....
« Que importa que o subdelegado *furte cavallos, e roube o genero humano; furta elle cavallos do governo?...* E que furte! »

..... »

A PEDIDO.

— Lê-se no *Diario das Alagoas*:

Mais uma victima do Sr. Alencastre.

« Já não existe Manuel Severiano Rodrigues da Silva, irmão e socio do Sr. Francisco de Paula Miquelino Teté, prensario e morador na Cambona.

« Recruta do Sr. Alencastre, por intrigas do subdelegado de policia desta capital seguiu para o Rio de Janeiro com pasmo desta cidade, que viu assim pizar-se aos pés consideração, posição social e isempção legal.

« Dispondo de fortuna, pôde logo que chegou na côrte dar um substituto por 1:800\$000 rs. e voltou para a sua casa no vapor passado.

« Mas o infeliz Manuel Severiano tronxe o germen de uma terrivel enfermidade — a variola.

« Affectado de bexigas, succumbiu ante-hontem no meio de sua numerosa familia, que prantea perda tão digna de lamentar-se.

« E então, Sr. Alencastre, não lhe dóe o coração, não tem remorsos desta morte!

« Quom o author indirecto della?

« O infeliz Manuel Severiano não era vacinado, foi arrastado a côrte aondo

existia aquella epidemia, e cil-o na eternidade,

« Sr. Paranaguá, Sr. ministro da guerra, veja as consequencias de uma administração violenta e arbitraria.

« E V. Ex. não sentirá a menor alteração a esta noticia?

« Assassinos, assassinos!! »

Ao Poeta Trez-beiços.

O sec'lo è das maravilhas
O sec'lo perdeu a bola,
Trabalha a náu sem ter quilhas,
O sapateiro sem sola;
O mundo doutor em lettras
Virou menino d'escola,
Anda de pernas no ar,
A jogar a carambola.

Hoje, se vê pelos cantos
Duzia e duzia de patetas,
Que querem passar a vida
Com fumaças de poetas,
E, sem verem d'onde tiram,
Nem onde mettem o nariz,
Escrevinham d'encommenda,
Quelque chose que se venda,
Que poesia se diz.

Li n'um jornal d'este mez,
Um *besteack* d'asneira,
Logo vi que o sujeitinho
Estava na quebradeira,
E precisando de cobres
Dirigiu-se a um tal *doutor*
E d'entre um mundo d'asneiras,
Vendeu-lhe sempre o melhor.

O poeta é das arabias,
Amigo de *João Punhal*,
Da companhia do *prego*,
Tem trez beiços por signal;
Calculista como elle! . . .
Têm sonhos, que sonhos ricos!
Não contente com trez beiços,
Quer virar pau de dous bicos.

Consta até que vae deitar
Uma loja onde se venda
Pasteis como os do *Martins*,
Elogios do encommenda;
Creio, porem, que tal droga
Acaba em roda de pau;
E' melhor metter as ventas. . .
Nos beiços tocar brimbau.

© *heroe-doutor* cantado
 Diz elle que é sabichão,
 Não nego — *le monde marche*,
 Já burros formados são;
 Não admira que o mundo,
 Construido como tal,
 Deixe entre tantos tratantes,
 Ver o nobre *João Punhal*.

Hoje virtudes se empresta,
 Honra não é cousa rara,
 Qualquer *lata* tem vergonha,
 Hoje ha barba em toda cara,
 Qualquer burro tem basofias,
 Qualquer asno sabe urrar,
 Qualquer ladrão tem commenda,
 Trez-beiços sabe cantar.

Não te zangues, pois, *doutor*,
 O Trez-beiços tem *denôdo*,
 Vae elevar-te uma estatua
 De roupa suja ou de lodo;
 Esta então ultrapassando
 Dos sec'los a immensidade,
 Ha de provar teu character,
 Tua grande proibidade.

Tu és um grande na cousa...
 Prosegue mais alguns mezes,
 Has de então ficar bem rico,
 A custa de *gordas* rezes;
 Já não tens nada que perca,
 Hoje és todo só peçonha,
 Já não tens verniz na *lata*,
 Na *cara* não tens vergonha.

Até creio que a vergonha,
Grão-doutor, nunca te viu,
 Que já nasceste tão suje,
 Já sem vergonha e sem brio;
 Hoje és *nobre*, és *sabio*, és tudo,
 Por signal andas de pata,
 Só falta comprar vergonha,
 Beitar verniz n'essa *lata*.

João-o-Sachristão.

.....
 Então, meu pharmaceutico, está zangado comigo, e quer desmentir-me, dizendo por ahí que seus filhos não são uns refinadissimos larapios?

— E não o são; sustento.

— Agora diga-me:

Quem foi que roubou a casa daquelles pretos na rua dos Capitães e em casa de quem foi achado o roubo?

— Mas este facto passou secretamente eu o posso negar hoje.

— Não pode, porque foi á minha vista que tu entregaste metade dos objectos a authoridade, e isto mesmo era necessario que ella as fosse pedindo para irem apparecendo, pelo que eu avanço a dizer, que tu es connivente nas rapinagens que fazem teus filhos; pois até dizem que este teu sobre novo é resultado de um grillo que elles, ha pouco, fizeram.

— Sr. não avance á tanto!

— E porque não? Ainda não te disse tudo, meu grandissimo caloteiro!

— Caloteiro não!

— Que odiga aquella pobre pretinha, que vendia agoa em tua casa e na de tua amasia; que o diga a pobre lavadeira, com quem tu, meu *official de marinha*, te tou usando das tuas palavras, quando foram apprehendidos os objectos roubados por teus filhos, que tu, meu velhacão, querias insinuar ao subdelegado para dizer ao preto) fizeste um contracto de pagar todos os mezes e por fim pregaste-lhes o calote; que o diga o Serafim da venda, a quem pregastes um reverendissimo calote de 300\$ rs, tendo o cynismo de offerecer ao homem 10\$ rs. por cada 100\$, quando elle te foi pedir seu dinheiro!

— Tudo iste é inveja porque eu dou dinheiro aos meus filhos para divertirem-se.

— Quem é que dá dinheiro, tu?

Cá... cá... cá... cá!

Qui... qui... qui... qui!

Có... có... có... có!

— De que está o Sr. rindo-se? Por ventura não tenho meu ordenado?

— Que duvida! Mas a differença é que elle ja esta rebatido este anno inteiro.

— O Sr. parece-me, que só se dá ao trabalho de indagar a vida alheia?

— Gosto de indagar a vida dos tratantes, velhacos e safados como tu, para quando os ver formalizados por pouca cousa, tanger-lhes uma mais grossa, porque diz o adagio: Preso por mil, preso por mil e quinhentos.

— Então é porque eu estou forma-

lisado, que V. me arruma esta, não?

— Não, porque não dou o cavaco com a tua formalisação.

— Porque?

— Ora que cavaco posso eu dar com um peço, que manda os filhos d'rem na mãe; e no cavaco eu posso dar com um mariço, que manda buscar sua cunhada para dentro de casa e amasia-se com ella, pelo que a mulher desgostosa embriaga-se todo dia? Nenhum.

— Basta, senhor. Peço-lhe por favor que não falle naquillo, de que nas horas amortecidas da noite tenho remorsos, quando repasso na mente. . . .

— Que remorsos pode ter quem continua a commetter crimes; que remorsos, pode ter quem maltracta sua esposa, deixando-a em casa morta a fome, indo para casa da amasia?

.....
— Sr., eu lhe peço, não continue.

— Para que agora esta tua hypocrisia?

Quem não sabe. . . .

— Perdoê-me!

— Tenho pena de ti, safado!

— Já veiu o José Sabujo
Latronopolis governar.

— E o tal João Pancada
Foi macacos pentear.

Poesia

à uma penna esclarecida.

E' penna sem outra igual,
Causa nojo, causa horror;
De mulheres capador,
Dá-lhes destino fatal;
Jamais encontrou rival
Na arte do castramento.
Seus escriptos são *portento*.
Faz artigos sem cabeça:
E' na sciencia um tripeça,
Um *balão* cheio de vento.

No mundo nunca existiu
Penna de tanta sandice,
E nem tanta parvoico
Em *penna* jamais se viu;
Soltou as patas, fugiu
Para o gremio dos sandeus;
Contente pois, entre os seus

Muito proprios, muito eguaes,
Alliou se em casos taes
Aos felizes pygmeus.

E' penna mal aparada,
Penna ruim, e de côrvo,
Só serve aos outros de estorvo,
E' penna escarrapachada,
Não presta a *penna* p'ra nada,
E' penna que tem torpor,
Penna que não tem valor.
Penna que não se conhece;
E o que ella me parece
E' penna de espanador.

E' de tal *penna* um regalo
As discussões de samouco;
Creio ter o craneo ouco
E o saber de um badallo;
E si accaso em *penna* fallo
E' porque julgam-na assim:
Praza a Deus que a *penna* emfim
Na policia tome tino,
E' garatujador supino
Passe a ser bom boleguim.

*Eu vi as tres Graças nuas,
Embrulhadas n'um lençol.*

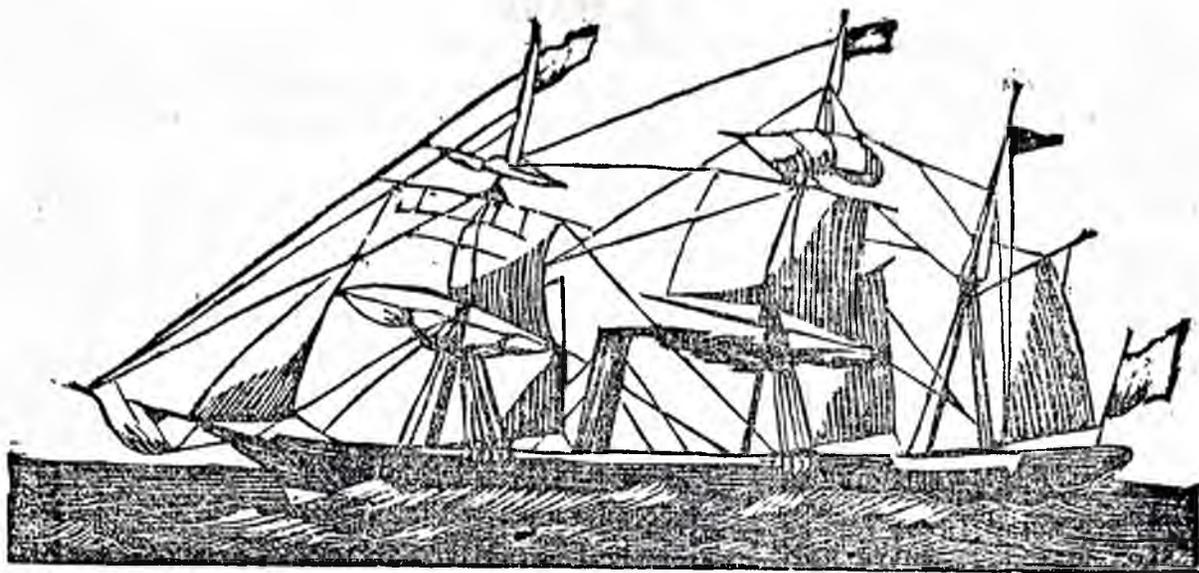
Em esteiras de tabuas,
Sem travesseiro ou colxão,
Todas deitadas no chão,
Eu vi as tres Graças nuas;
Vendo-as assim tão *cruas*,
Mesmo ás vistas do sol
Eu disse: só um anzol
Para *fisgar* estas loucas,
Que s'apresentam de toucas
Embrulhadas n'um lençol.

ANNUNCIOS

TABOCAS PARA FOGUETES.

A tulha n. 48, à rua do Caquende, tem um grande sortimento, que vende barato, e um completo sortimento de fogos do melhor fogueteiro, como sejam: espadas, craveiros, pistollas, rodinhas, traques da india, ditos de seto estouros, ditos de massa, candeias, chovinças, bombas, sortes, chuveiros, foguetes do ar: que se vende muito barato; tanto em porção, como à retalho.

Bacellar concerta com toda perfeição órgãos e pianos. Pode ser procurado ao becco do Açouguinho n.º 41.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V.

26 DE JUNHO DE 1867.

SERIE 25.^a—N. 221.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1.^o andar, onde se recebe assignaturas a 1\$ rs. por series de 10 numeros, ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

Principia hoje a serie 23 do *Alabama*.

Não estamos dispostos a entreter polemicas.

Si dissemos que alguém abusava, especulando com o nosso nome, foi por queixas recebidas de alguns assignantes, sem com tudo procurarmos ferir a susceptibilidade de alguém.

Não duvidamos de que quem tem interesse em agenciar assignaturas para esta ou aquella gazeta, mediante porcentagem, use, para adquiril-as, de artificios—o que não deixa de ser abuso e abuso reprovavel, que deve ser reprimido por aquelle, em nome de quem é commettido; o mais é sancionar a especulação.

As pessoas, que nos tem leito as queixas alludidas, tem bastante criterio para confirmarem o que nos referiram si algum dia for preciso declinar seus nomes

No mais, cada um guarde intacto o que é seu.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 25 de junho de 1867.

Não houve expediente.

—O Sr. Azambuja tambem embirra com cousas pequenas.

Não lê gazetinhas.

—E' cre com cre e lê com lé do Sr. Moura.

—Deu ao seu ajudante d'ordens uma lista com o nome dos jornaes, que devem ter entrada no regio paço.

—Faz muito bem, meu Sr!

—E' o *Debate*, o *Jornal*, o *Diario*, o *Pharol*, a *Constituição* e o *Interesse Publico*.

—E a *Bahia Illustrada*?

—Entra no numero das pecurruchas.

—Quanto á nossa, não negamos que é pequena em demasia, mas a *Bahia*, já faz algum volume. Si S. Ex. pegasse nella havia de sentir crescer-lho na mão quando a desenrolasse.

—E' porque elle não sabe que as gazetinhas as vezes descobrem muita melgueira.

—Como pode ser por economia, vamos mandar-lhe a nossa de graça.

—Eis o nada da vida!

Mauricia Joaquina Bandeira, sahio no sabbado de sua casa, a ladeira da Misericordia, ataviada com seus melhores adornos, para ir divertir-se nas Pitangueiras e voltou de la, frio cadaver, enrolado n'um lençol, com os pés e mãos atados com cordas, para o hospital de charidade!

Nem uns chinellos lhe calçaram!

—O que lhe aconteceu?

—Um violento ataque, que a roubou do numero dos vivos.

—E o que ella levou, que fim teve?

—Provavelmente a policia tomou conta.

—Pois até as botinas!

—E' verdade, veiu com os pés descalços e embirados.

—Não tem duvida! a policia do Sr. José Carlos é zelosa de mais.

—Felizmente está passada a noite do fogoso S. João, sem incidente notavel, a excepção de um desaguisado, que houve no Caes Dourado, em que a policia ficou sem os *chanfulhos*.

Tudo mais foram pequenas desordens, que nao valem a penade notar-se, muitas das quaes originadas pelas proprias patrulhas, na *expansão* com que applaudiam a noite e o Precursor.

—Foguetes houveram em abundancia.

—Como não houve caso triste a registrar, passaremos.

—Eu, ao menos fui, testemunha de um.

Na ladeira da Saude uma mulher alem de ficar com a roupa queimada, chamuscou a cara e fracturou um braço pelo estouro de um foguete.

—No entanto que as patrulhas deixaram de prender a estes destabanados, que andavam jogando foguetes, para prenderem a quem estava tranquillo.

—E depois exigiam dinheiro para darem soltura.

—Como exigiu o policial Salles a quantia de 20\$ rs. á uma pessoa a quem elle prendeu injustamente.

—Na porta da matriz da Parahyba do Sul, provincia do Rio de Janeiro,

achava-se ha dias, affixado o seguinte edital, que se recommenda pela orthographia:

«Hilario Joaquim de Andrade Tenente Coronel Commandante do 21º batalhão de Infantaria da Guarda Nacional Presidente do Concelho de Calfificação da Freguezia de Santo Antonio da Encruzilhada.

«Fasso Saber quem em convier que o Concelho de Calfificação si riunira no Domingo 19 do Corrente as 9 horas da manhã, no conestorio da Freguezia para proceder a Calfificação e rever atual na conformidade do decreto 1130 de 12 de Marco de 1853 ordem de S Exm.^a o Sr Commandte suprior de 27 de Abril ultimo que fucionará das 9. horas damanhã as 2. da tarde athe finalizar os seus trabalhos da Primeira reunião convido por tanto os entereçados da ditta qualificação, a comparecer perante o mesmo concelho.

« Parahyba do Sul. 2 de Maio de 1867. — e Eu Francisco José Alves Borges Alferes Secretario que o Su b s crevi »

—Que gente! não deixam escapar nada!

—Tomou-se Curupayti?

—Quem lhe disse?

—Ouço musica e vivas na Praça.

—Aquillo são *augustaes* para louvar e admirar um *divino senhor*.

—Foram cumprimentar o presidente?

—Não, são os talbadores e empregados do matadouro, que andam a apregoar estrepitosamente os dotes e virtudes do seu chefe.

—Comprehendo: quem tem o que dar, embora não seja do seu, tem sempre admiradores que lhe queimem incenso.

—Querem que o presidente conserve o homem á despeito de tudo quanto tem se dito delle.

—Parece que não é preciso a recommendação.

—Está aqui um soneto, que me deram: diz que o povo esta todo babado do gratidão pelos beneficios, que tom recebido do director da casa dos bois.

— Não fazem nada sem mettorem o nome do pobre povo!

Sahem meia duzia do apologistas e incensadores de um homem pelas ruas a dar vivas ao seu idolo e dizem que é o povo!

— A culpa é de quem não tem a precisa modestia para dispensar apparatus e demonstrações partidas de quem lhes é subordinado.

— Isso não é nada. Outras cousas tenho eu visto nesta terra.

Já houve quem avançasse a dizer, que nesta terra a prevaricação recebia applausos na praça publica.

— Desgraçado paiz, em que as honras e applausos são comprados, porque o patronato e o dinheiro são os unicos meritos, que ousam apparecer.

A PEDIDO.

TRIBUNAL DO COMMERCIO DE LATRONOPOLIS.

SESSÃO ADMINISTRATIVA.

Presidencia do Exm. Sr. Desembargador Luxuria. — Escrivão o Sr. Trapisonga.

Requerimento de *Filgueiras, Silva, Sobrinho e A.*, para se registrar o tracto social feito entre ambos, para abrirem na praça *Hotel Universo* uma casa de impureza, crapulites, marmotagem e concubinato, ficando a gerencia por conta do primeiro. — Deferidos.

Idem de *André, Antonio* e o africano *Valentim* para que se *marque* dia para ser apresentado o registro da *barcaça Maria* propriedade *commum* de ambos, que tem de seguir *barra lora*. — Designou-se o 1º dia util.

O Secretario — *Trapisonga*

AO SUPERIOR TRIBUNAL DA RELAÇÃO

1ª CONSULTA.

Um liberto, cuja alforria está sujeita a contestações, por ser a sua carta de liberdade passada *graciosamente* por um herdeiro, sem previo accordo dos mais, sendo que, feitas as partilhas, não toca o valor desse escravo ao men-

cionado herdeiro, pode exercer no Forum qualquer emprego judicial?

Illebumon.

AO ILLM. SR. DR. CHEFE DE POLICIA E AO COMMANDANTE DO CORPO POLICIAL.

O abaixo assignado, vinha na noite de 23 do corrente, pelas nove e meia horas, subindo a ladeira de S. Francisco, quando viu dous soldados de policia querendo arbitrariamente prender a um rapazinho, que se estava divertindo junto de uma fogueira, dizendo que tinha sido elle quem jogara um foguete. O abaixo assignado, que tinha presenciado todo o facto, disse-lhe que era uma injustiça prender aquelle rapazinho.

Um dos soldados, de nome Salles, cabra, lançou sobre o abaixo assignado as mais injuriosas palavras, as quaes elle supportou com muita prudencia, porque tem educação bastante para tolerar os insultos de um homem que se acha bebado, e mesmo daquelles que receberam de seus paes uma educação de senzala.

Não querendo o insolente e malcreado soldado senão levar o rapazinho preso, disse-lhe o mesmo abaixo assignado, que o levasse e deixasse estar que no dia immediato havia sahir. Depois, vendo que o ebrio soldado e seu companheiro vinham com o rapazinho á presença do chefe de policia, foi tambem conversando com um amigo, porque ia expor ao digno chefe o facto como se tinha dado.

Mas, como o Sr. Dr. chefe não podesse fallar, os soldados desceram com o rapazinho para irem recolhê-lo no quartel de policia, e como encontrasse na porta o abaixo assignado, deram-lhe voz de prisão, dizendo que elle tinha resistido áquella prisão.

O povo foi se agglomerando, e principiava a murmurar contra o arbitrio daquelle soldado.

O abaixo assignado não resistiu á prisão, seguiu, declarando que no dia immediato relataria verbalmente tudo ao Sr. Dr. chefe de policia, para que o

seu executor de ordens tivesse a pena precisa, afim de que outra vez, levado pela força da cachaça ou vinho, não provocasse desordens semelhantes. Chegando, porem, o abaixo assignado na ladeira da Palma, o guarda propoz, que lhe dêsse a quantia de 20\$ rs., que elle e o rapazinho seriam soltos, a cuja proposta respondeu com desprezo, dizendo — cumpra com o seu dever.

Em presença do proprio official de estado, foi o abaixo assignado injuriado por esse guarda bebado, mas, tudo isso, porque o official não teve força moral bastante para contel-o.

Esteve pois o abaixo assignado, conjunctamente com o rapazinho, preso n'uma nojenta e immunda masmorra, até o outro dia, quando se mudou o estado, quando o digno tenente, que entrou, o mandou que sahisse d'alli e viesse para a salla do estado; assim como o rapazinho.

O abaixo assignado, pede aos dignos Dr. chefe de policia e commandante do corpo policial correctivo para este soldado, pois alem da representação que fez verbalmente, no dia 24 ao meio dia, tem um nós abaixo assignado de diversas pessoas, que assistiram o factó, e vae representar por escripto, promettendo que quando não ache em Ss. Ss. a providencia precisa, ira a S. Ex. o Sr. presidente da provincia. Bahia 23 de junho de 1867.

A. R. de Sant'Anna.

— Viu a procissão do Sagrado Viatico?

— Pois não, e nunca vi tanta frieza assim; o functionalismo publico constou do chefe de policia e alguma officialidade; a camara municipal, essa ha muito que não apparece em actos publicos.

— Bagatella; não è disso que quero tratar.

— De que é então?

— Aposto que não reparou uma cousa?

— O que?

— O cynismo com que se apresentou o conego *Cyri*, com a cara toda pisada, roxeada e cheia de arrankadellas.

— Reparei e attribui a alguma queda que levasse.

— Pois não! Foi a Margarida que no domingo passado, fez-lhe uma visita a freguezia do rosto e poz-lhe as bitaculas em petição de miseria.

— Que descarado!

Ter a audacia de se apresentar n'um acto solemne de cara quebrada pela sua barregan!

Carta

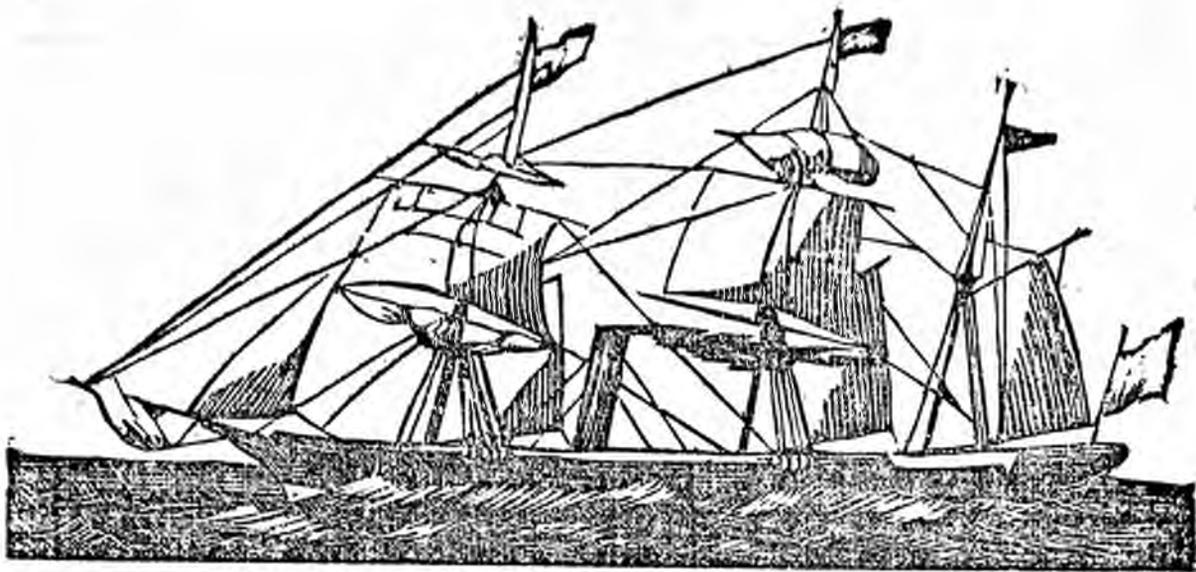
achada na freguezia de Brotas.

Meo bem. — A dor que padece o meo coração devorado de uma paixão arrebatadoura, obriga-me a pegar na penna — para declarar-vos quanto vos estimo pois n'unca acheime com animo — para lhe dirigir uma cartinha, mais eu vendo que vós não hade ser ingrata para com migo, por isso foi que me atrevi a tanto, mas Sra., eu vos juro que te amo, e vós está d'entro do meo coração, então espero alcançar de meo querido bem, a digna resposta, que será um dia de muita alegria para mim, no mais aceite o coração d'este, seo fiel amante — *Já sabe quem.*

ANNUNCIOS

Na Roda da Fortuna, casa nº 160 vende-ss uma Vacca tourina, e um garrote manço de carga e de carro.

Fugiu no dia 21 de junho de 1867 uma escrava, cabra, fula, por nome Simoa; é de boa altura; levou vestida saia cor de rosa esbranquiçada e camizú rocho, panno da costa usado: é provavel que mude de traje por fugir com toda roupa, tem os pés um pouco feios e um meio inchado, por o ter desmentido; quem a levar em casa de seu Sr. Manuel Amancio da Silva Ferreira, na rua Nova da Independencia, será recompensado com 20\$000 rs. Levou um tableiro no qual vendia laranjas e um balaio da Costa pequeno sem tampa: si por acaso estiver acoutada em casa de alguém o annunciante desde já protesta por todos os dias do serviço. — Bahia 22 de junho de 1867.



O ALABAMA

PERIODICO CRITICO E CHISTOSO.

BAHIA—ANNO V. 28 DE JUNHO DE 1867. SERIE 25.^a—Vs. 222 e 225.

Publica-se na typographia de Marques, Aristides e Igrapiúna, á rua do Collegio n. 14 1.^o andar, onde se recebe assignaturas a 4\$ rs. por series de 10 numeros ou 5\$ rs. por 6 series, pagos adiantados. Na typographia ha pessoa encarregada de receber publicações. Folha avulsa 160 rs.

O ALABAMA.

EXPEDIENTE.

Cidade de Latronopolis, bordo do *Alabama* 27 de junho de 1867.

Officio ao Illm. Sr. Dr. chefe de policia. — Constando-nos que, ultimamente, tem se dado na Calçada do Bomfim quatro casos de hydrophobia, provenientes de mordeduras de cães damnados, pede-se a S. S. que expeça terminantes providencias no sentido de prevenir tão funestos acontecimentos.

—Disseram-me que o Sr. Azambuja não recebe certas folhas por inspiração do Sr. Dantas.

—Não creia; si fosse assim não receberia o *Pharol*.

—Estou que sim.

—A historia das *Mil e uma noites* deve estar bem gravada na memoria do homem.

—Foi agraciado o Sr. Cyrillo Eloy Pessoa de Barros, inspector da illuminação publica, com a empreza do theatro de S. João, pelo Sr. Dr. José Bonifacio

Nascentes de Azambuja, presidente desta provincia.

—Profalças!.....

—Hontem affixou-se o bando da camara municipal, convidando os seus municipales a tomarem parte nos festejos do dia Dous de Julho.

Uma guarda de honra percorreu diversas ruas.

—Onde está Deus?

—No ceu, na terra, em todo lugar em que chamamos por Elle.

—E' o que V. pensa! Deus não entra em lojas.

—Isso é uma blasphemia, uma heresia.

—Ao menos, é a opinião de um notavel canonista, de um abalisado Dr. da egreja.

—Quem é elle?

—O vigario Abutre.

—Ora, o vigario Abutre regula!

—Ao menos é a opinião de um sacerdote authorisado.

—De um phariseu, de um scriba,

do um classico seductor, do um desfaçado usurario.

—Eu como quero errar com os sabios e não quero acertar com os estupidos, continuo a crer que o Senhor não outra em lojas.

—Mas, onde foi que elle disse semelhante asneira? sem duvida n'algum sermão.

—Não; sendo chamado para dar o Sagrado Viatico á uma creoula de nome Ignez, moradora á *Alta* dos Sapateiros, disse que não ia, porque o Sacramento não entrava em lojas!!!

—Homem, isso é serio?

—Exactissimo.

A enferma morreu sem os soccorros espirituaes.

—Ah! alma damnada, coração de porco, consciencia de *rocha*, entranhas de tubarão! As faltas d'aquella infeliz pesarão sobre tua endemoninhada cabeça!

—Estou certo que elle, negando-se, não *via* na sua recusa nada de mais.

—Para Deus, que é de misericordia, basta o arrependimento na hora extrema, e é dispensavel estas formalidades, ministradas ás vezes por um ente polluido, que acaba de commetter as mais crassas torpezas de sua vascullejada depravação.

—Veja o nosso sollicito e paternal governo como cuida da vida do povo, confiada a seu cuidado.

A camara municipal da cidade de Campos, no Rio de Janeiro, logo que via manifestar-se o cholera naquella cidade, depois de ter devastado S. João da Barra, receiosa dos funestos e dolorosos transees porque passara em 1855, requisitou ao governo providencias e soccorros.

O *desvellado* governo acudiu promptamente e remetteu

2 Duzias de garrafas de vinho do Porto.

6 Garrafas de Agua de Labarraque.

3 Garrafas de agua de flôr de lorangeira.

1 DITA DE VINAGRE DE LISBOA.

Meia de essencia de terebentina.

Meia de linimento hungaro.

3 Meia ditas do alcool camphorado.

Balsamo tranquillo, uma libra.

Acetato do chumbo liquido, 4 onças,

6 Meias garrafas do oleo de ricino.

2 Meias ditas de oleo de amendoas doces

Meia garrafa de oleo camphorado.

1 Vidro pequeno de nitrato de potassa.

1 Dito de sulfato de quiniño.

1 Dito pequeno de acido citrico.

1 Dito de bicarbonato de soda.

3 Onças de subacetato de amoniaco.

4 Onças de ether sulfurico.

6 Onças de chloroformio.

3 Onças de tintura de camphora.

4 Onças de tintura de cantharidas.

2 Onças de subnitrato de bismutho.

3 Onças de laudano de Sydenhan.

3 Onças de tintura de camomilla.

3 Onças de soluçãode sulfato de strichnina.

3 Onças de tintura de belladona.

1 Onça de alcool de veratrina.

2 Onças de tintura de nox-vomica.

1 Onça de tintura de haseticibi.

Onça e meia de elixir paregorico.

Onça e meia de tintura de aconito.

Onça e meia de licor de Hoffman.

3 vidrinhos de gottas anti-cholericas de Strognopt.

Meia lata de visicatorios de Albspeyre.

4 Onças de raiz de poaia contusa.

12 Onças de Sulfato de soda.

7 Onças de camomilla.

1 1/2 libra de basilicão.

6 libras de lubaça.

6 escovas.

Mandando a camara avalial-os por dons pharmaceuticos; conheceu-se que alguns vidros, cujos rotulos indicam certa quantidade, contém quantidade inferior; sommando a importancia de tudo em 62\$000, excepto as 24 garrafas de vinho do Porto, que, por ordinario, só pôde valer a razão de 800 reis cada garrafa.

A camara deliberou reenviar a dita factura a fim de que o governo possa por si mesmo verificar a quo ponto foi illudido.

—Pois o governo pode la ocupar-so com semelhantes ninharias? *de minimis non curat praetor?*

Quo importa quo o povo pereça á mingoa? Hado haver sempre no seio da credulidade popular quem leve as urnas

a *chapa de ferro* da fortuna politica dos zangões do Estado.

—Si por ventura se tratasse da conquista das urnas, de vencer a opinião e salvar os amigos do governo da derrota eleitoral, então comprehenderiamos bem que S. Ex. não mentiria a sua missão, e que não só por um vapor especial, mas por dous outros, si tantos fossem necessarios, não faltaria a Campos — diuheiro e bayonetas, para garantir o voto livre.

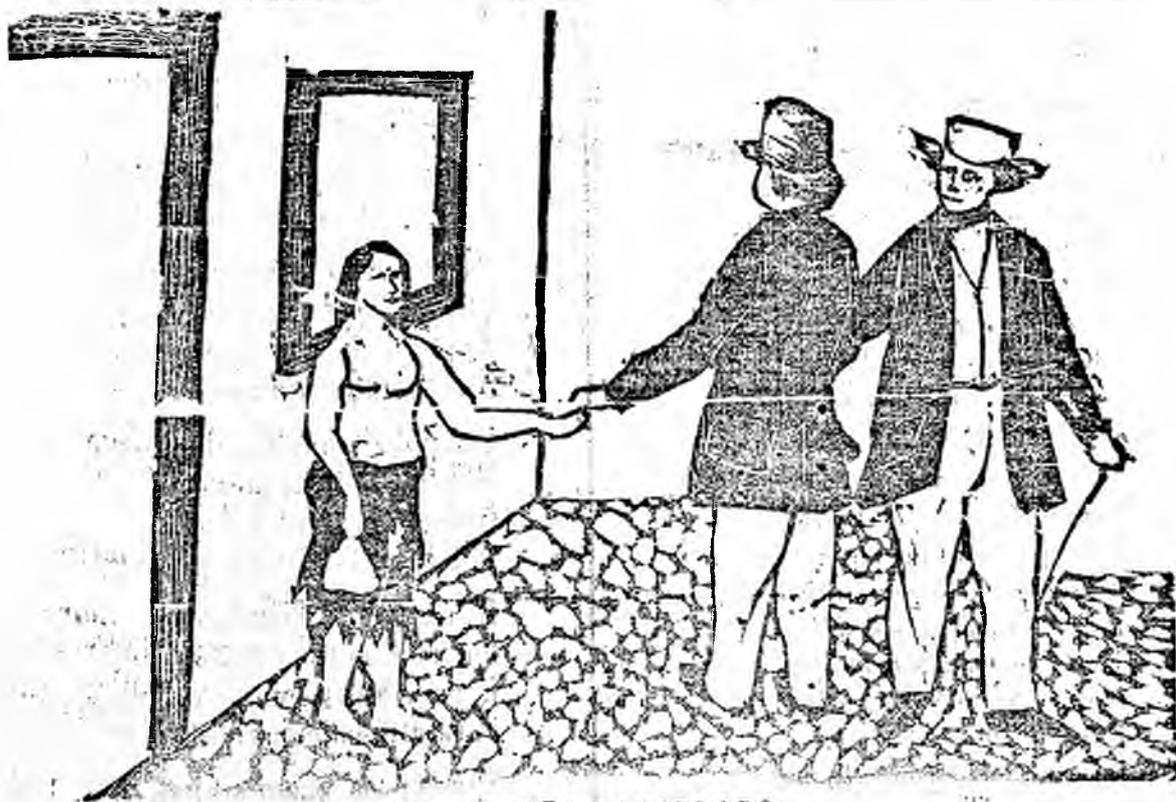
Honra seja feita a administração do paiz, desde o 1º ministro do Estado até o ultimo esbirro da policia, o primeiro e o mais importante serviço do

Imperio, o serviço eleitoral, nunca soffreu por falta dos cuidados promptos do poder.

Mas, em uma quadra destas, fallar em socorrer aos pobres á administração publica, é com razão perturba-la no meio dos seus trabalhos serios.

—Meu caro, nestas horas de aperto, cada um salve-se como puder e não vão interromper o governo no placido gozo das posições e das honras, que lhes outorgaram o voto da canalha.

—Por esta, faça ideia das ambulancias que foram remettidas para os hospitaes do exercito brasileiro em campanha.



O ORPHÃO DO SOLDADO.

Dae esmola ao desgraçado,
Que anda a mingoa a perecer;
Dae-lhe esmola, que o coitado
Não tem de quem se valer:
E' pequeno, e tão sósinho.
Na terra está, que o mesquinho.
Não tem a quem se abrigar;
Já não tem mãe carinhosa,
Que triste afague amorosa,
Nem pae a quem abraçar.
Nasceu filho de um soldado,
Que pela patria morreu;—
O marido no ver finado,
De dôr a mãe pereceu.
Quando cubiu, o guerreiro

No suspiro derradeiro
O filho á patria legou;
Tu o deves, sociedade,
Vem consolar a orphandade
Do filho, que te deixou.
Pobre orphão, desgraçado!
A quem ha de recorrer?
Ei-lo, vae desamparado,
As ruas a percorrer;
Dos ricos por entre o baddo
Vae o triste divagando—
«Dae-me pão—diz a chorar—
Pereço de fome e frio,
Sou pequeno, não vadio—
Nem sei 'inda trabalhar.»

Mas, que importam seus lamentos?
 Não lhe dão mais que desdem;
 D'esse infeliz os tormentos,
 Essa turba não os tem.
 Do orphão que importa a fome?
 O canero que o roe, consome
 So a elle, a ninguém mais?—
 Aos que vivem na abastança...
 Que importa, si elle é criança,
 Si é pobre, si não tem paes?
 E o pae, cheio de receio,
 Sobre a campa se ergue em pé...
 Olha o mundo com anseio,
 E em tal sorte o filho vê!...
 O fantasma do soldado
 A' patria sacrificado,
 Solta horrendo brado então;
 Braue em raiva, e cheio d'ua,
 Dentro da valla se atira,
 Revolve a ossada no chão.
 E essa sombra desditosa,
 Porque era a sombra de um pae,
 Entre os mortos rancorosa,
 Contra a patria a ira esvae
 «Patria, patria, sé maldita!
 Terra vil—d'esta arte grita—
 Para que por ti morri?.....
 Fui teu valente soldado,
 E meu filho abandonado
 Agora vejo por ti!...»

 Sociedade, vale ao triste,
 Para que la no porvir
 O que ora innocente existe,
 Ao crime não vá servir;
 E a não por ti castigado
 Será, porque é um malvado,
 Um homem de recejar;
 Sem te recordar que deste
 Causa ao crime, pois podeste
 Outr'ora o orphão salvar.
 Então a lei que o fulmine,
 Então medonha prisão;
 Sentença então que o destine
 Em pábulo á multidão;
 Então a forca, o supplicio—
 Essa vida ffinde o indicio
 De um crime atroz... Mas de quem?
 Teu, Sodoma corrompida...
 Teu,—que a infancia desvalida
 Trastaste com vil desdem.
 Sociedade, sé maldicta,
 Tu não cumpres o teu fim;
 Deves valer á desdita,
 E d'ella zombas assim!...
 Só dás affrontas ao pobre—

Tens carinhos só p'ra o nobre—
 És infame, e és servil;
 Insultas o desditoso,
 Beijas os pés ao pou'roso
 Que te opprime—quanto és vil!...
 Pobre orphão, desgraçado!
 Pede auxilio só ao ceu,
 De lá serás escutado
 Por quem a vida te deu;—
 Pede-lhe que d'este mundo,
 Do crime abysmo profundo,
 Te queira breve levar;—
 Vae viver lá entre os anjos,
 Vae do meio dos arcanjos
 O nosso perdão rogar.

Carta do Capitão do «Alabama» a seu correspondente na corte, o Patusco

(Continuação.)

— João Pancada continúa
 A commetter desatinos,
 Troca — até passa por barro
 E bringellas com pepinos
 Passo agora a lhe contar
 Um passo que aconteceu,
 Apesar de que esse passo
 Não foi aqui que se deu.
 Um pobre homem do matto,
 Habitante la da serra,
 Quando ia para o roçado
 Foi recrutado p'ra guerra.
 E logo, qual criminoso,
 Foi com cordas amarrado,
 E com outros companheiros,
 Para a cidade enviado.
 Sua esposa acompanhou-o
 Ferida de armaga dor,
 Julgando que na cidade
 Encontrasse um salvador.
 A mulher do recrutado,
 Era rouxinha de gosto,
 Si tinha o nome de rosa,
 Cór de rosa tinha o rosto.
 Logo que a linda serrana
 Poz o pé na tal cidade,
 Foi a palacio implorar
 Ao mandão piedade.
 Succedeu que do mandão,
 Com um gracioso ardil,
 Tocou na corda sensivel
 A cabocla gentil.

Em remato, a tapuia,
Cedendo a *certo* pedido,
Poude por fim alcançar
A soltura do marido.

Vindo ao conhecimento
Do marido tal favor,
Que tão caro lhe custára,
Cobriu o rosto de horror

Para as brenhas empurrou-se,
A mulher abandonando,
A qual está n'uma rua,
Que foi do *Xixi*, morando.

— Como nos mais, este anno,
Estou na firme intenção
De dar uma pagodeira
Na noite de S. João.

Deve ser uma folia
Do mais apurado gosto;
Para isso o João de Deus
Tem tudo mui bem disposto.

Ha de haver boa cangica,
Peixes fritos e moqueca,
Baba de moça, sequilhos,
Bolinholos e panqueca.

Cá, para a gente do troço,
Haverá gran mongusá,
Milho cosido á fogueira;
Caruru e vatapá.

Pistollas de duas ballas
Para a gente de balão
Darei — bufas e bichinhas.
Para tocarem na mão.

Os ovos de Pharaó
São para a gente de saia.
Bombas e traques de massa
E cousinhas dessa laia.

Por ter morrido n'Areia
O velho preto Dadá,
A patuscada do *samba*
Ha de ser no *Pajavuh*.

Agora aprecie la
O detalhe da festança;
E' obra do João de Deus.
Que uma hora não descança;

O André Prawdowischi
Emprestará seu cavallo,
Para milho carregar
Com o Miguel Peixe Gallo

Para lenha ir buscar
Designadas estão

Odilia bocca de sapo,
Porcina do Taboão.

Para fazer a fogueira
Debaixo de patacoada,
O cara de escumadeira
Nosso Julio Feijoadá.

Si o *Linneo* ca estivesse
Não faltava á brincadeira,
E do Passeio viria
O pendao para a fogueira,
Ze Carros foi incumbido
Das canastras emprestar,
Para nellas d'Armação
Os côcos se carregar.

O Santos das Amoreiras
Ja deve estar avisado
Para o vinho fornecer,
Que não seja *baptisado*

Sabe a quem cabe a tarefa
Das espigas *esburgar*?
Ao famoso Celestino,
Que p'ra isso não tem par
Medonho, apesar de coxo,
Como na sucia é antigo,
De certa roça das Brotas
Trará laranjas de umbigo.

O nosso Bebê Capona,
Que era uma perna certa,
Marisca n'um *grande rio*
Ao norte, de bocca aberta.

Para almoço da baderna
Tem a Lourença fateira
De fazer um mocotó,
Cosinhado na fogueira.

Sentada ao pé da fogueira,
Alexandrina Franceza
Assará boas espigas,
Da sucia p'ra sobremeza.

Por devoto do *Baptista*,
Um sujeito de *Leão*,
Para cosinhar o milho
Dará o seu cangirão.

Por ja ser lida e corrida,
E nestas cousas usada,
Vae temperar a cangica
Umbellina mal casada,

A panella p'ra cangica
Trará Claudiana Isca,
O ralo bem amolado
Dará Maria Francisca.

Para mecher a panolla,
A colher ja prometteu
Um sujeito bacharel,
Cuja falla cheira a breu.

(Continúa)

A PEDIDO.

—E' insupportavel o procedimento irregular de duas raparigas, na Praça do Mercado.

—Quem são ellas?

—Duas irmans, Adelaide e Xica, conhecidas por *Patacão de sola*.

—O que f' zem?

—Sem nenhuma consideração, proferem alli as palavras mais obscenas, os termos mais crapulosos e torpes, em altercação com as companheiras.

—Ja ouvi fallar do procedimento depravado dessas duas capengas.

—Não tem termo de comparação. Quem vae á Praça do Mercado, sabe com os ouvidos atordoados de tanta patifaria e devassidão.

—Pois o muxingueiro ha de ir com a taca fazel-as mudar de systema.

—La vae uma do commendador *Poderoso*.

—Inda se lembra desse frascario?

—Nunca me esquecerei dessa caricatura da tratantice.

—Neste caso, avie-se.

—Ha pouco, foi um caixeiro á esplanca desse Caruso, que e situada na rua, onde as *princezas* desembarcaram, receber certa quantia, que elle pagou em cedulas de 5\$ rs., tendo o rapina a habilidade de introduzir no meio dellas duas cedulas ja recolhidas.

O caixeiro contentou-se em contar o dinheiro sem se dar ao trabalho de examinar a qualidade, mesmo por que não era de esperar que tão ricasso fidalgo commettesse de má fé uma acção tão indigna.

Verificado o engano na occasião de entregar o dinheiro, voltou o caixeiro a restituir as cedulas a quem lh'as tinha dado.

—Que elle recebeu sem a menor objecção, não foi isso?

—Quem lhe contou?

Com o mais disfaçado cynismo, disse que não recebia, porque assim como lhe deram elle tambem passava.

—E o rapaz o que fez?

—Deixou o dinheiro sobre a carteira, dizendo-lhe que dava-lhe de esmolla.

—Fez muito bem!

—Isto seria uma bofetada sem mão para quem tem vergonha, mais para elle! . . .

—Tambem quem tem vergonha não pratica uma acção, que um ganhador de cesto nem seria capaz de praticar.

—Exm. Sra. D. Maria Joaquina . . .

—Creada do Sr.

—Creada do Deus, minha senhora.

—Determinava alguma cousa?

—Sem duvida.

—Pode dizer.

—V. Ex. está com os pés na sepultura e tem breve de comparecer ante o Altissimo

—Todos nós estamos para isso.

—Porém pela idade do V. Ex. ha probabilidade de ir mais cedo.

Ora diga-me: não receia que o Ente Supremo lhe peça contas da intoleravel ousadia, que dá á sua cria Silvina, consentindo que ella sem, nenhuma attenção, cubra sua respeitavel irman dos epithetos mais injuriosos, ameace-a e até chegue a lhe tocar! . . .

—O que hei de fazer? a negrinha não tem juizo.

—Não diga isso, minha senhora! Pois V. Ex. dá mais consideração a uma escrava do que a sua irman, permittindo que a pobre senhora viva opprimida de desgostos e atacada de repetidas convulsões, occasionadas pelos vituperios daquella insolente e atrevida?

—Ja procurei evitar mudando-me para a rua, que, em ventando, faz *poeira*.

—Mais a atrevida e audaciosa negra vem de lá mesmo insultar a velha.

—Não sei o que hei de fazer!

—E' mandal-a ao Custodio, que lho dará geito!

—Deus me livre! castigar minha negrinha, que eu criei!

— Pois vejo me na obrigação de declarar-lhe que, si ella continuar, será agarrada e castigada, quer a Sra. queira quer não.

As suas ordens.

— Quo largo é este?

— Da *Luxuria*.

— E aquelle edificio?

— O hotel — *L'Univers*.

— Porque não vamos até lá?

— Si lhe apraz.

— Encaminhem-nos.

Caramba! V. enganou-se, o hotel não è do *Universo*, veja o distico.

— Nada influe, subamos.

.....
— Que *arrebicada* voluptuosa é aquella que atravessou o corredor?

— O caixeiro é quem nos pode informar.

O' lá, amigo!

— Ao seu dispor, Sr!

— Poderá dizer-me quem é uma camelia, que acaba de entrar no quarto n. 3?

— Está aqui, por conta do Dr. *Filageiras*, *executor da justiça em terceiro grau* e membro do partido progressista.

— Vamos tomar o n. 4?

— Não é possível.

— A razão?

— Porque está occupado por um deputado progressista.

— Indubitavelmente elle hade desoccupal-o, visto que tem de retirar-se, em consequencia de estar fechada a assembléa.

— Quem lhe disse! O homem está agarrado como ostra ao rochedo.

E' dos taes que não gosta de perder vasa.

— Diabo me leve, si eu entendo o que V. está dizendo.

— E' uma *troca simultanea*, que ha entre o Dr. *executor* e o deputado progressista.

— Cada vez entendo menos.

— Faça por entender: quando um está dentro, outro fora; quando um está fora, outro dentro.

— Ora vá-se com o demo com tanta embrulhada!

Empurremo nos d'aqui.

— Sr. alferes *bello*, quer negar o facto do soldado pedir os vinte mil réis, dizendo que elle é incapaz disso?

Ora, Sr. alferes, Vm. não deve ignorar que ahi pelo centro ha officiaes, que tem tomado dinheiro para soltar presos, quanto mais um soldado!

Diga-me uma cousa:

Como é que no Caes de S. João, tendo um destacamento de policia, com sentinella na porta, apparece arrombada a barraca de uma preta?

Talvez que Vm. ignore, porem os jornaes tem registrado estes factos constantemente.

— Mas, quem sabe si isto não foi tramado pela preta?

— Não Sr., porque no outro dia só quem não quiz não viu a barraca arrombada, e até se divulgava perfeitamente que aquelle arrombamento tinha sido feito a ponta de reflex.

— Tudo se acarreta para os pobres soldados de policia!

— Meu alferes, soldado de policia na Bahia, com raras excepções, é synonymo de reu de policia. Fique certo que o homem dado ao trabalho não se sujeita a' deitar a farda da policia nas costas.

Eu pelo menos conheço dous soldados, verdadeiros lar pios, dous socios daquelle moleque, que matou o preto Jorge, na praça de Palacio, ás 8 horas da noite.

Vm. diz que o soldado não me dirigiu insultos na sua presença. Não falte assim com a verdade á luz do dia, sustente o facto, embora contra si.

Eu sei que Vm. não faz caso de gazetas, porque não lhe pode acontecer nada.

Ah! meu alferes, si não embarcasse d'aqui para o sul o corpo de policia, commandado pelo Sr. J. Mauricio, Vm. ainda estaria vivendo de sua musica, sujeitando-se a andar pedindo aos seus companheiros para lhe convidar, que espontaneamente nenhum lhe convidava, porque Vm. entende tanto de musica, como eu de dizer missa.

— Olhe que o Sr. tem-me dito cousas! . . .

Safa.....

—.....Do!.....

Ao que estão sujeitas as partes nas repartições de Latro-nopolis.

1.—A esperar uma o mais horas pelos Exms. Srs. empregados, que, ou passeiam, ou conversam, ou fumam nas horas do expediente.

2.—A supportar hemorrhoidas, malcriações e insolencias de muitos, que seria melhor serem conductores de burros, do que servidores da nação.

3.—A tolerar, impassiveis, que sejam prejudicadas em seus interesses por falta de promptidão no expediente.

4.—A soffrer calafrios e colicas por verem-se preteridos pelos afilhados e amigos do peito, que, muitas vezes, chegando muito depois, são aviados em primeiro lugar e com toda presteza.

5.—Ver com inquietação e *sangue quente* o ponteiro do relógio quasi marcando a hora da sahida e o seu papel atirado para um lado, porque o que ganha o dinheiro da nação acha-se, fora da hora, a saborear o seu charutinho.

6.—A ouvirem de bocca calada a uma palavrada ou desaforo, só por que reclamam o seu direito e fazem-lhe ver o prejuizo, que lhes causa aquelle, que é pago pela nação para bem servir-a.

7.—A perderem seu tempo e seu trabalho para verem inutilisado em um momento um papel, um documento importante, que muito lhe custou, porque foi errado por aquelle, que para ser burro só lhe falta andar de quatro e ter cangalhas.

8.—A chupar os calotes de alguns, que a titulo de emprestimo lhes pregam, para sustentarem vicios.

9.—A andarem de uma para outra meza, como Christo, de Pilatos para Herodes, só porque não basta a assignatura de um ou dous empregados, *tanta é a confiança que o governo deposita nos seus servidores.*

10.—A aguentar com mil outras massadas, que seria fastidioso e gastariam muito tempo e muito trabalho em enumerar.

VARIETADES.

«Exm. Sr. Desembargador e Corregedor.—Arremetto para terra do Thezeira, o meu querido filho mais velho Jedêão, esse rapaz impluma de sciencia quer cazar e o que fazer se não uniu-lo ao santo ocio da Herme-neutic.»

Quando foi edificada a cidade de Roma? (perguntava um professor de historia a um de seus discipulos menos apaixonado pela coherencia de suas respostas.)

—De noute, (responde-lhe o discipulo, com firme convicção de que ao menos por esta vez não havia de retorquirem-lhe.)

—Como! que queres dizer? (torna o mestre empnubando a palmatoria.)

—E' claro, senhor: digo que Roma so podia ter sido feita de noute, porque geralmente ouço a todos affirmarem que ella não foi feita *em um dia.*

O professor deixou de ser severo para com o discipulo, que de então em diante tornou-se um bom homem e o melhor estudante da eschola.

O seguinte dialogo foi apanhado de passagem, mas elle se repete abi em qualquer parte.

—Porque é que uma mulher casada não è uma mulher?

O interogado abaixou um pouco a cabeça, coçou o nariz com o indicador da mão direita e respondeu de repente:

—Esta claro que è por ser a metade de seu marido.

Estava num sujeito para ir para a sua quinta, um seu amigo que ia para o mesmo sitio o instava para que fosse ja com elle, ao que lhe respondeu: «So para a semana posso ir, porque hade estar então ja feita a estribaria e o palheiro para o meu commodo, e sem estar tudo acabado não posso la arranjar-me.»

Um sujeito indo a sua estribaria, viu que um dos seus cavallo comia com muita vontade a cevada, pegou, então em huma pouca, e mastigando-a disse: « Não sei o gosto que o cavallo acha nesta cevada porque eu ja vi outra melhor»

ANNUNCIOS

Nesta typographia compra-se o n.º 312 do *Alabama* do anno de 1866.

Na Roda da Fortuna, casa n.º 160, vende-se uma Vacca tourina, e um garrote manço de carga e do carro.